

LIÇÕES BÍBLICAS JOVENS

Aluno

3º TRIMESTRE 2024



Na Cova dos Leões

*O Exemplo de Fé e Coragem de Daniel para o
Testemunho Cristão em Nossos Dias*

O JOVEM CRISTÃO E O MUNDO ACADÊMICO

Por muito tempo alguns líderes evangélicos olharam de forma pouco amistosa para o ensino superior, achando que poderia atrapalhar a caminhada de seus liderados.

Manter a fé inabalada em um ambiente hostil e contrário a religião cristã ao longo dos tempos, tem sido um desafio para os crentes que ingressam tanto no ensino médio quanto na universidade. Mas a Bíblia nos mostra diversas histórias de heróis da fé, que foram chamados desde a sua juventude e não se acovardaram pelas adversidades da jornada. Já parou para imaginar Daniel nos dias de hoje? Será que ele faria todas as brincadeiras para agradar os seus colegas?

Ser um jovem cristão não é tarefa fácil, todavia permanecer com os princípios bíblicos e ser o influenciador dos seus amigos é o melhor caminho. Então, como você vive sua fé no mundo acadêmico?



LIÇÕES BÍBLICAS JOVENS

Aluno

3º TRIMESTRE 2024



LIÇÃO 1	DANIEL: UMA JORNADA DE FIDELIDADE	3
LIÇÃO 2	COMO VIVEREMOS NA BABILÔNIA	8
LIÇÃO 3	CONSERVANDO OS VALORES E GUARDANDO A IDENTIDADE	13
LIÇÃO 4	UMA FIRME DECISÃO DE NÃO SE CONTAMINAR	18
LIÇÃO 5	A REVELAÇÃO DE DEUS CONFRONTA O SECULARISMO	22
LIÇÃO 6	CORAGEM PARA ENFRENTAR A FORNALHA ARDENTE	27
LIÇÃO 7	DEUS ABATE O CORAÇÃO ORGULHOSO*	32
LIÇÃO 8	A CONSEQUÊNCIA DESTRUIDORA DO PRAZER CARNAL	36
LIÇÃO 9	ENTRE A LEI DE DEUS E A LEI DOS HOMENS	41
LIÇÃO 10	OS IMPÉRIOS MUNDIAIS E A SUPREMACIA DO FILHO DO HOMEM	46
LIÇÃO 11	REVELAÇÕES SOBRE O TEMPO DO FIM	51
LIÇÃO 12	ESTUDO, ORAÇÃO E AS SETENTA SEMANAS DE DANIEL	55
LIÇÃO 13	O FIM DE TODAS AS COISAS*	60



**CASA PUBLICADORA DAS
ASSEMBLEIAS DE DEUS**

Presidente da Convenção Geral das
Assembleias de Deus no Brasil
José Wellington Costa Junior

Presidente do Conselho Administrativo
José Wellington Bezerra da Costa

Diretor Executivo
Ronaldo Rodrigues de Souza

Gerente de Publicações
Alexandre Claudino Coelho

Consultor Doutrinário e Teológico
Elienai Cabral

Gerente Financeiro
Josafá Franklin Santos Bomfim

Gerente de Produção
Jarbas Ramires Silva

Gerente Comercial
Cícero da Silva

Gerente da Rede de Lojas
João Batista Guilherme da Silva

Gerente de TI
Rodrigo Sobral

Gerente de Comunicação
Leandro Souza da Silva

Chefe do Setor de Educação Cristã
Marcelo Oliveira

Chefe do Setor de Arte & Design
Wagner de Almeida

Comentarista
Valmir Nascimento

Editora
Telma Bueno

Revisora
Verônica Araujo

Designer e Capa
Suzane Barboza

Fotos
shutterstock.com

RIO DE JANEIRO - CPAD MATRIZ
Av. Brasil, 34.401 - Bangu - CEP 21852-002
Rio de Janeiro - RJ

CENTRAL DE ATENDIMENTO
0800-021-7373 Ligação gratuita
Segunda a sexta: 8h às 18h.
LIVRARIA VIRTUAL www.cpad.com.br

Comunique-se com a editora da revista:
telmabueno@cpad.com.br



NA COVA DOS LEÕES **O EXEMPLO DE FÉ E** **CORAGEM DE DANIEL PARA** **O TESTEMUNHO CRISTÃO EM** **NOSSOS DIAS**

Prezado(a) aluno(a).

Com a graça de Deus iniciaremos mais um trimestre de *Lições Bíblicas Jovens*. Estudaremos o Livro de Daniel, uma das obras preferidas daqueles(as) que gostam de estudar a Escatologia Bíblica. Daniel não nos ensina apenas acerca de assuntos escatológicos, temos muito que aprender com seu testemunho pessoal, seu exemplo de fidelidade a Deus e de integridade moral. Ele viveu como exilado em uma sociedade idólatra, servindo a reis ímpios, contudo, não se contaminou.

O Livro de Daniel também evidencia a soberania do Deus de Israel.

Que você receba sabedoria e discernimento para seguir o exemplo de Daniel, vivendo de maneira que o Soberano seja glorificado em sua vida.

Que Deus o(a) abençoe.

Até o próximo trimestre.

À editora.



DANIEL: UMA JORNADA DE FIDELIDADE

TEXTO PRINCIPAL

"E disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real, e dos nobres."
(Dn 1.3)

RESUMO DA LIÇÃO

Daniel é um exemplo inspirador de fidelidade em uma cultura hostil.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – Mt 24.15

Jesus testifica de Daniel

TERÇA – Jr 46.2

Nabucodonosor vence o Egito

QUARTA – Jr 36.20-26

A impiedade do rei

QUINTA – 2 Cr 36.14

Um povo infiel

SEXTA – Hb 12.6

O Senhor corrige quem Ele ama

SÁBADO – 2 Co 10.5

Destruindo os conselhos contrários



TEXTO BÍBLICO

Daniel 1.5-14

- 5 E o rei lhes determinou a ração de cada dia, da porção do manjar do rei e do vinho que ele bebia, e que assim fossem criados por três anos, para que no fim deles pudessem estar diante do rei.
- 6 E entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias.
- 7 E o chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel pôs o de Bel-tessazar, e a Hananias o de Sadraque, e a Misael, o de Mesaque, e a Azarias o de Abednego.
- 8 E Daniel assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia; portanto, pediu ao chefe dos eunucos que lhe concedesse não se contaminar.
- 9 Ora, deu Deus a Daniel graça e misericórdia diante do chefe dos eunucos.
- 10 E disse o chefe dos eunucos a Daniel: Tenho medo do meu senhor, o rei, que determinou a vossa comida e a vossa bebida; por que veria ele os vossos rostos mais tristes do que os jovens que são vosso iguais? Assim, arriscareis a minha cabeça para com o rei.
- 11 Então, disse Daniel ao despenseiro a quem o chefe dos eunucos havia constituído sobre Daniel, Hananias, Misael e Azarias:
- 12 Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias, fazendo que se nos deem legumes a comer e água a beber.
- 13 Então, se examine diante de ti a nossa aparência e a aparência dos jovens que comem a porção do manjar do rei, e, conforme vires, te hajas com os teus servos.
- 14 E ele conceio nisso e os experimentou dez dias.

INTRODUÇÃO

Neste trimestre, teremos o privilégio de nos aprofundar nos estudos do Livro de Daniel. Considerado o "Apocalipse do Antigo Testamento", em virtude das revelações e visões escatológicas que o Senhor deu ao profeta, Daniel é um livro histórico e profético. Ele abrange o período no qual os israelitas estiveram exilados na Babilônia, destacando as experiências marcantes e desafiadoras de Daniel e seus amigos em terra estrangeira.

Ao percorrermos os seus 12 capítulos, seremos conduzidos a uma compreensão mais profunda da relevância e urgência da mensagem de Daniel para os nossos dias. Daniel é um exemplo inspirador para os cristãos em geral e os jovens em particular. Seu testemunho de vida nos encoraja a enfrentar as

adversidades e a cultura secularizada, pluralista e neopagã que predomina na sociedade ocidental contemporânea. É um modelo de líder levantado por Deus numa cultura hostil.

Na primeira lição, teremos uma visão panorâmica do livro e do seu contexto, e o início da vida dos jovens hebreus no cativeiro babilônico.

I – O LIVRO DE DANIEL

1. Panorama geral. Os 12 capítulos do Livro de Daniel percorrem um longo período histórico que começa com a primeira invasão babilônica ao Reino de Judá (605 a.C.), até a queda da Babilônia diante de Ciro da Pérsia (536 a.C.). O livro narra a trajetória de Daniel e de seus amigos, destacando os desafios culturais, políticos, morais e espirituais que eles suportaram em

terra estrangeira. Ao longo de todo esse tempo, o profeta viveu e serviu com fidelidade a Deus perante as cortes imperiais, desde a juventude até a sua velhice. Também registra as mensagens proféticas que o Senhor lhe revelou, inclusive interpretações de sonhos, visões de animais simbólicos e uma visão detalhada dos eventos escatológicos. Por isso, o livro é chamado de "Apocalipse do Antigo Testamento".

2. Autoria e mensagem. É dominante entre estudiosos judeus e cristãos que o autor deste livro é o próprio Daniel, conforme atestam as evidências internas (Dn 8.15; 27; 9.2; 10.2) e a referência de Jesus ao profeta (Mt 24.15). Os seus registros históricos revelam um período crucial e angustiante para os israelitas, no qual viveram exilados em meio a uma cultura diferente e hostil. O seu conteúdo vibrante compõe uma mensagem repleta de significados e ensinamentos. Destaca a necessidade de o crente manter a fé inabalável em momentos de adversidades e nos recorda de que podemos ser integros em qualquer ambiente. Mostra que Deus é soberano e o Senhor da história, pois o reino, o domínio e a majestade dos reinos lhe pertencem (Dn 7.27).

3. Estrutura e peculiaridades. Por se tratar de um documento histórico, e ao mesmo tempo, profético, é possível dividir o livro em duas seções que formam um todo perfeito. Na primeira parte (capítulos 1 a 6), são narrados os fatos e as experiências importantes na vida de Daniel dentro da Babilônia. Na segunda (capítulos 7 a 12), estão as visões e as mensagens proféticas, que revelam acontecimentos dos séculos seguintes e até o tempo do fim. Uma das peculiaridades do Livro de Daniel

é que, embora seja considerado um profeta, Daniel não profetizou diretamente ao povo, como outros profetas do Antigo Testamento. Em vez disso, ele serviu como um conselheiro e intérprete de sonhos e visões para reis e governantes da Babilônia. Outra característica notável deste livro é o uso de duas línguas diferentes. A maior parte, do capítulo 2 ao capítulo 7, está escrita em aramaico. Os capítulos 1 e 8 até o final do livro são escritos em hebraico. Essa mudança de língua reflete a natureza do livro, que abrange eventos ocorridos na Babilônia e profecias relacionadas a Israel.

II – COMPREENDENDO O CONTEXTO

1. O contexto histórico. No pano de fundo histórico dos primeiros capítulos do Livro de Daniel, há um cenário de agitação e instabilidade decorrente da disputa pelo predomínio político na região. Em 605 a.C., após derrotar o Faraó Neco do Egito, na Batalha de Carquemis (Jr 46.2), a Babilônia estava se consolidando como grande potência mundial. Liderada por Nabucodonosor, o exército babilônico invadiu e sitiou Jerusalém no terceiro ano do reinado de Jeoaquim (2 Rs 24.1-6). Era o início das invasões babilônicas ao Reino de Judá e sua capital. Posteriormente, em duas outras oportunidades, a cidade voltou a ser invadida: em 597 a.C. (2 Rs 24.10-14), e a terceira, a maior de todas elas, em 586 a.C., ocasião em que a cidade foi arrasada e o Templo, destruído.

2. Um rei ímpio. Jeoaquim era filho de Josias e sucedeu seu pai como rei de Judá aos vinte e cinco anos de idade (2 Rs 23.36). Foi um rei ímpio que não andou

nos caminhos do Senhor. O profeta Jeremias proclamou a mensagem de Deus, alertando Jeoaquim e o povo de Judá sobre a vinda do juízo divino devido à idolatria e à injustiça. Ele exortou o rei e o povo a se arrependerem e a se voltarem para Deus. Jeoaquim não apenas rejeitou as palavras do profeta, mas também queimou o rolo no qual a Palavra de Deus estava escrita (Jr 36.20-26).

3. Deus castiga seu povo. Israel havia virado as costas para Deus. Em vez de arrependimento, os líderes e a nação endureceram o coração para não seguirem os seus estatutos (2 Cr 36.14). Por essa razão, o Senhor estava disciplinando o povo da promessa, ao permitir o seu cativeiro e a destruição da cidade. O profeta Daniel é enfático ao escrever que foi o Senhor que entregou o rei de Judá nas mãos de Nabucodonosor e permitiu que os utensílios do Templo fossem saqueados e profanados. O Senhor corrige quem Ele ama (Hb 12.6) e toda a história está sob o seu controle. Ele é soberano sobre todas as coisas e até mesmo os ímpios podem ser usados para cumprir a sua vontade!

III – A RELEVÂNCIA DO LIVRO DE DANIEL PARA OS NOSSOS DIAS

1. Um livro para todas as épocas.

Olhando para a jornada íntegra deste jovem hebreu até a sua velhice, chegamos à conclusão de que o Livro de Daniel é para todas as épocas. Retirado à força de sua casa, quando ainda tinha cerca de quatorze anos, Daniel foi conduzido até uma terra estrangeira. Dentro de uma cultura hostil, cercado por inimigos, enfrentou diversos ataques e desafios ao longo de sua trajetória. Esteve exilado por mais de setenta anos até o fim da

vida. Enfrentou conspirações, mudanças culturais e políticas, sendo pressionado de diversas formas, mas não negando a sua fé. Embora centenas de anos tenham se passado desde a sua época, sua trajetória é um exemplo inspirador para os dias em que estamos vivendo. O Livro de Daniel, por ser a Palavra de Deus, continua atual e a sua mensagem urge para esse tempo. A história de Daniel pode ser a nossa história!

2. Um mundo transtornado. O período do profeta foi um dos mais turbulentos em termos de mudanças geopolíticas na região do Oriente Médio e no Mundo Antigo. Ele viveu em um mundo cujas características se repetem hoje:

a) Mundo frágil e cheio de incertezas. Estudiosos têm caracterizado o período recente, principalmente pós-pandemia, como um mundo frágil, ansioso, não-linear e incompreensível. A Babilônia era palco das transformações e agitações globais da sua época. Daniel viu impérios desmoronarem e reis caírem, enquanto as pessoas sobreviviam com expectativas aterrorizantes. A sua trajetória irá nos ensinar a encontrar resistência e coragem em dias ruins além de esperança numa época de desespero.

b) Mundo com constante transição de poder. Daniel serviu nos impérios babilônico e medo-persa com a mesma fé e fidelidade. Nenhum soberano o fez mudar suas convicções, tampouco o poder o seduziu. Com ele, somos lembrados de que os reis, presidentes e governantes desta terra passam, mas o Senhor permanece para sempre. Não importa quem esteja no poder político, o cristão mantém sua esperança sempre em Deus.

c) Mundo de conflitos e violência.

Daniel viu de perto os horrores da destruição provocada pelas guerras entre nações e sentiu na pele o sofrimento decorrente do exílio. Semelhantemente, o mundo contemporâneo continua a ser palco de conflitos internos e internacionais, ações terroristas e violências de todas as formas, provocando dor e migração forçada. Isso nos faz recordar das pessoas que se encontram nessas situações, que precisam da nossa oração, apoio e busca por soluções.

d) Mundo hostil aos valores judaico-cristãos. É possível traçar um paralelo da época de Daniel com o panorama da cultura contemporânea, essencialmente hostil à visão de mundo judaico-cristã. Da mesma forma que aquele jovem hebreu foi pressionado a abandonar sua crença em razão das pressões culturais e religiosas dentro da Babilônia, os cristãos de hoje estão enfrentando ataques severos da cultura anticristã, a exemplo do Relativismo e do Secularismo, dentre outras correntes filosóficas. Como veremos no decorrer do trimestre, o Livro de Daniel nos ensinará a ter sabedoria e inteligência espiritual para combater as estratégias do Inimigo no tempo presente.

3. Devoção e testemunho público.

A inspiração do Livro de Daniel vai além da devoção pessoal. O seu testemunho nos mostra que a sua convicção não estava confinada ao ambiente privado, preferindo enfrentar os leões a renunciar uma confissão pública da fé. Ele é um grande exemplo bíblico de como podemos usar a sabedoria e o conhecimento de Deus para testificar em diversos lugares da sociedade.

✓ CONCLUSÃO

O livro de Daniel possui uma mensagem singular para a Igreja na atualidade. A sua vida na Babilônia é um exemplo de coragem, fé e integridade diante de circunstâncias adversas. Ele nos ensina a confiar em Deus em todas as situações e a buscar a sua vontade para a nossa vida.

✓ HORA DA REVISÃO

1. Por que o Livro de Daniel é considerado o "Apocalipse do Antigo Testamento"?

2. Em quantas partes podemos dividir o Livro de Daniel?

3. Quem entregou Jeoaquim, rei de Judá, nas mãos de Nabucodonosor?

4. O que Daniel enfrentou ao longo da sua vida?

5. O que o testemunho de Daniel nos mostra?





COMO VIVEREMOS NA BABILÔNIA

TEXTO PRINCIPAL

"Procurai a paz da cidade para onde vos fiz transportar; e orai por ela ao SENHOR, porque, na sua paz, vós tereis paz."
(Jr 29.7)

RESUMO DA LIÇÃO

O crente fiel pode habitar na Babilônia, mas a cultura da Babilônia não pode ter domínio sobre ele.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – Rm 12.2

Não vos conformeis com este mundo

TERÇA – Gn 11.1-9

A origem da Babilônia

QUARTA – 2 Tm 1.12

Sabemos em quem temos crido

QUINTA – Jo 14.6

Jesus, a verdade absoluta

SEXTA – Jr 29.5-7

Conselhos para a vida no exílio

SÁBADO – Ez 33.10

Como viveremos?

Daniel 1.1-3

- 1 No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei de babilônia, a Jerusalém, e a sitiou.
- 2 E o Senhor entregou nas suas mãos a Jeoaquim, rei de Judá, e uma parte dos utensílios da Casa de Deus, e ele

os levou para a terra de Sinar, para a casa do seu deus, e pôs os utensílios na casa do tesouro do seu deus.

- 3 E disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real, e dos nobres.

INTRODUÇÃO

Ao chegarem à Babilônia, os jovens hebreus se depararam com um mundo novo e uma cultura completamente distinta de sua terra natal. A civilização babilônica, desenvolvida na região da Mesopotâmia, destacava-se em diversas áreas, ficando famosa por ter estabelecido a primeira legislação escrita, conhecida como "Código de Hamurabi". No entanto, era dominada pelo paganismo e pela imoralidade, por isso é um símbolo bíblico de um sistema reprovável diante de Deus. Dentro desse ambiente, repleto de desafios culturais e morais, como Daniel e seus amigos deveriam viver? A presente lição nos permitirá compreender que a maneira como eles encaravam a cidade, mantendo-se fiéis aos princípios que aprenderam em Judá, desempenhou um papel fundamental na construção de um testemunho sólido ao longo de sua jornada no exílio.

I – A CHEGADA DE DANIEL E SEUS AMIGOS NA BABILÔNIA

1. Deportados para uma terra estranha. Os judeus foram deportados para o exílio babilônio em três levas

(605, 597 e 586 a.C). No primeiro grupo estavam alguns israelitas de origem nobre. Usando uma estratégia comum na antiguidade, o objetivo de Nabucodonosor era treiná-los para ocuparem posições importantes e servirem ao reino dos conquistadores. Dentre os requisitos, esses rapazes deveriam ser "sem nenhum defeito, de boa aparência, sábios, instruídos, versados no conhecimento e que fossem competentes para servirem no palácio real" (Dn 1.4). Em outras palavras, eles haviam de ser fisicamente saudáveis, esteticamente bonitos e intelectualmente inteligentes; e também dotados de cultura geral e de sabedoria prática para a vida no palácio. Que lista de qualidades!

2. O jovem Daniel e seus companheiros. Daniel fazia parte desse grupo, juntamente com Hananias, Misael e Azarias. Daniel descendia de uma família da aristocracia, talvez até mesmo pertencesse à linhagem real de Judá. Nessa época, tinha provavelmente entre quatorze e dezoito anos de idade. Você pode imaginar o que se passava na cabeça desses jovens? Eles estavam cheios de virtudes e sonhos, com grandes expectativas sobre o futuro

em Jerusalém, e agora foram arrancados abruptamente da comodidade do lar. De uma hora para outra suas vidas mudaram de percurso. Ainda que fossem piedosos e tementes a Deus, tiveram de enfrentar o sofrimento e a vergonha de serem levados como escravos de um rei ambicioso e cruel. A terra natal havia sido devastada, os muros derrubados, o Templo destruído, amigos e familiares assassinados por ocasião da invasão (2 Cr 36.6-20; Lm 5). Todavia, não deixaram se abater pelas circunstâncias da sua vida, pois sabiam que tudo decorria da benevolência de Deus.

3. O sofrimento do justo. A história de Daniel e seus amigos nos faz recordar que os justos podem passar por provações. O sofrimento é uma parte comum da experiência humana e não poupa aqueles que temem ao Senhor (Ec 9.2). No Novo Testamento, Paulo e Tiago expressam essa verdade (Rm 5.3,4; Tg 1.2,3). Foi com fundamento nesse tipo de entendimento que Daniel e seus amigos não ousaram reclamar de Deus. Não buscaram vingança ou retaliação, mas procuraram ser canal de bênção onde se encontravam. Embora novos, tinham a mente madura o suficiente para não adotarem uma postura de amargura e vitimismo.

II – A IMPONENTE BABILÔNIA

1. A capital imponente. Babilônia, localizada às margens do rio Eufrates, era uma cidade-estado rica e servia como um importante centro comercial entre o Oriente e o Ocidente. Os jovens possivelmente ficaram admirados com a sua grandiosidade, a maior

da época, distante cerca de 1.500 quilômetros de Jerusalém. Era uma metrópole impressionante, conhecida por sua suntuosa arquitetura. A cidade era cercada por uma forte e extensa muralha com milhares de torres. A sua cultura, como a atual, era orientada a imagens e à estética. A cidade se fazia conhecer por seus luxuosos palácios reais e obras de arte, pátios e jardins, dentre os quais os jardins suspensos, assim reconhecidos como uma das sete maravilhas do Mundo Antigo. Era fácil alguém ser seduzido por seu luxo e opulência, como ocorre com a mídia hodierna.

2. A ostentação da cidade. Toda a exuberância das obras arquitetônicas era uma forma de representar o poder do Império. Nabucodonosor queria ostentar sua força e riqueza por meio de coisas materiais e de suas realizações, relembando a fundação original da cidade (Gn 11.1-9). Os descendentes de Noé pretendiam construir uma cidade com uma torre tão alta que alcançaria o céu, usando tijolos e betume, uma espécie de piche. Além de não terem consultado ao Senhor, o propósito era a fama e a falsa sensação de segurança sem Deus. Os homens usaram toda inteligência que possuíam e a engenharia da época para construir um edifício simplesmente para a sua própria glória. Deus, porém, não se agradou do empreendimento e, por isso, confundiu as línguas e os espalhou pela terra, dando à cidade o nome de Babel.

3. Uma cultura pagã. Os babilônios atribuíam grande importância à sua religião. Acreditavam que os deuses governavam todos os aspectos da vida,

desde os assuntos cotidianos até os eventos cósmicos. Marduque, o seu principal deus, era considerado o patrono da Babilônia. Uma das principais portas da cidade era dedicada a Ishtar, a deusa da fertilidade, do amor e da guerra. Havia um templo dedicado ao seu culto. A Bíblia apresenta Babilônia por meio de suas características de idolatria e prostituição espiritual (Na 3.4; Is 23.15; Jr 2.20). A atmosfera da cidade era impregnada pelo paganismo e politeísmo.

III – A CULTURA E O ESPÍRITO DA BABILÔNIA

1. Símbolo de oposição aos valores divinos. Biblicamente, Babilônia é tanto um lugar geográfico, quanto a representação de um sistema reprovável diante de Deus e seus valores espirituais e morais (Ap 14.8; 17.1,2; 18.2,3). Ainda hoje, o espírito e a cultura da Babilônia permeiam a sociedade, simbolizando rebelião e ideologias mundanas que confrontam a verdade divina. Ela é uma metáfora para a idolatria, paganismo e toda falsidade religiosa, bem como símbolo da degeneração moral, inversão de valores, depravação e materialismo presentes nos sistemas político, cultural, midiático e econômico.

2. A relativização da verdade. A principal característica da cultura da Babilônia, com todos os seus reflexos, é a destruição da noção de uma verdade absoluta. Essa foi uma das táticas de Nabucodonosor, conforme sua religiosidade e visão de mundo. John Lennox, na obra *Contra a Correnteza (CPAD)*, cita o fato de o monarca ter levado os utensílios do Templo em

Jerusalém para a casa do tesouro das suas divindades na Babilônia (Dn 1.2). Para os hebreus os objetos de ouro possuíam enorme valor espiritual. Feitos por artesãos que amavam a Deus, representavam uma relação do povo com o Senhor, e apontavam para a sua santidade e glória. Contudo, ao serem transportados para a Babilônia, tais utensílios passaram a representar somente uma conquista de guerra, da mesma forma que qualquer outro artefato. Os símbolos projetados para indicar o único e verdadeiro Deus, o Criador do céu e da terra, foram postos no mesmo nível de símbolos de culto de outros deuses. Assim como Nabucodonosor estava rebaixando os valores e referenciais divinos absolutos, a sociedade pós-moderna tem transformado os tesouros espirituais em coisas sem valor divino, dentro do mercado religioso.

3. A religião que conduz à imoralidade. As falsas religiões, ao perverterem a verdade, são capazes de destruir valores, conduzindo seus adeptos ou seguidores a um estilo de vida depravado. Essa verdade levou o apóstolo Pedro a advertir os cristãos sobre os perigos dos falsos ensinamentos baseados em heresias de perdição, pois levam à imoralidade e a outros desvios de conduta (2 Pe 2.13,14). Atualmente, é possível perceber a volta do paganismo em novas roupagens, mais modernas e "descoladas", ganhando espaço em filmes, séries, desenhos e jogos. É preciso cuidado com o conteúdo que você consome, pois as nuances desses falsos deuses antigos continuam presentes no mundo de hoje!

IV – VIVENDO E TESTEMUNHANDO NA BABILÔNIA

1. Uma cidade para se testemunhar. Por qual razão Daniel e seus amigos adotaram uma postura de serviço e responsabilidade dentro de uma cidade estrangeira? Porque eles viveram dentro da Babilônia, mas não deixaram a Babilônia viver dentro deles! Aqueles moços conheciam as admoestações do Senhor por meio de Jeremias, sobre como os judeus deveriam viver na terra para onde seriam transportados (Jr 29.5-7). Eles deveriam constituir família, multiplicarem-se e buscar a paz e a prosperidade da cidade. Deus estava dizendo que enquanto estivessem exilados teriam uma vida normal e produtiva. Foram instruídos a dar bom testemunho e a contribuir para o bem de toda a sociedade, não somente do seu próprio povo.

2. Testemunhando no mundo. Enquanto lugar geográfico, Babilônia é uma cidade que representa a vida do cristão na sociedade. Vivemos em um mundo caído, dominado pelo pecado. Ainda assim, somos chamados a ter uma presença santa, fiel e abençoadora. A igreja eleita do Senhor também está na Babilônia (1 Pe 5.13), sem se deixar ser dominada por ela. Afinal, embora o discípulo de Cristo tenha a cidadania celestial (Fp 3.2), vivemos como forasteiros nesta terra (1 Pe 2.11). Faz parte da responsabilidade do cristão zelar pelo desenvolvimento social, como sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13), e mordomos de Deus (Gn 1.26), pois Cristo é soberano sobre toda a criação (Cl 1.15-19; 1 Co 1.26).

✓ CONCLUSÃO

Os jovens hebreus tinham conhecimento da maneira como deveriam se portar no exílio. Em vez de buscar rebelião e vingança contra os captores, eles deveriam viver normalmente na cidade, buscando a sua paz e prosperidade. Como aqueles jovens, vivemos exilados em um mundo, que embora tenha sido criado por Deus, está sujeito aos efeitos do pecado. Assim como Daniel e seus amigos, somos chamados a viver neste mundo, dando testemunho do nosso compromisso com princípios sólidos, mesmo quando confrontados com dilemas morais e pressões externas.

✓ HORA DA REVISÃO

1. Como era a cidade da Babilônia nos tempos de Daniel?

2. Qual a origem bíblica da Babilônia?

3. Biblicamente, quais as duas formas de definir a Babilônia?

4. Qual o nome da divindade que era considerada patrono da cidade da Babilônia.

5. Quais admoestações Deus deu a Jeremias sobre como os judeus deveriam viver na terra para onde seriam transportados?





CONSERVANDO OS VALORES E GUARDANDO A IDENTIDADE

TEXTO PRINCIPAL

“E o chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel pôs o de Beltessazar, e a Hananias, o de Sadraque, e a Misael, o de Mesaque, e a Azarias, o de Abede-Nego.” (Dn 1.7)

RESUMO DA LIÇÃO

Manter a identidade cristã em uma cultura hostil é a principal prova de fidelidade ao Senhor.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – Pv 4.23

Guardando o coração

TERÇA – 2 Tm 1.12

Sabemos em quem temos crido

QUARTA – Sl 119.11,12

Um coração sábio

QUINTA – 1 Ts 5.21

Retendo o que é bom

SEXTA – At 17.11

Agindo como os bereanos

SÁBADO – 1 Pe 3.15

Preparados para responder

**Daniel 1.3-7**

- 3 E disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real, e dos nobres.
- 4 Jovens em quem não houvesse defeito algum, formosos de aparência, e instruídos em toda a sabedoria, e sábios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidade para viver no palácio do rei, a fim de que fossem ensinados nas letras e na língua dos caldeus.
- 5 E o rei lhes determinou a ração de cada dia, da porção do manjar do rei e do vinho que ele bebia, e que assim fossem criados por três anos, para que no fim deles pudessem estar diante do rei.
- 6 E entre eles se achavam, dos filhos de Judá, Daniel, Hananias, Misael e Azarias.
- 7 E o chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel pôs o de Bel-tessazar, e a Hananias, o de Sadraque, e a Misael, o de Mesaque, e a Azarias, o de Abede-Nego.

INTRODUÇÃO

Desde o início do exílio na Babilônia, os jovens hebreus se depararam com a ameaça de perderem suas identidades, à medida que poderiam gradualmente assimilar os valores da nova terra. Esta lição tem como foco principal o estudo das duas estratégias empregadas pelos babilônios para minar a identidade piedosa dos jovens hebreus: a imersão na cultura e língua caldeia, bem como a mudança de seus nomes. Como veremos, a narrativa bíblica nos oferece valiosas lições sobre conservar nossa identidade espiritual e nossos princípios, especialmente diante da doutrinação ideológica presente atualmente na educação secular.

I – HEBREUS NA "UNIVERSIDADE" DA BABILÔNIA**1. Na universidade da Babilônia.**

O rei ordenou a Aspenaz, oficial da corte, que os jovens recém-chegados deveriam ser instruídos sobre a cultura e a língua dos caldeus, ao longo de três anos. Não era mera generosidade. Esse método fazia parte da estratégia

de Nabucodonosor de incorporar os povos conquistados ao seu serviço real. Concluído o curso de imersão eles também teriam emprego garantido, se aprovados no teste final. Isso parecia uma grande oportunidade para Daniel e seus amigos crescerem acadêmica e profissionalmente no novo mundo. Após terem sido selecionados pelo "vestibular" babilônico, demonstrando conhecimento suficiente, os quatro jovens estavam sendo matriculados na "Universidade da Babilônia", onde seriam treinados na nova cultura e nos seus costumes. Segundo os padrões da época, o programa de estudos era abrangente, envolvendo todas as letras e sabedoria (v.17). Teriam aulas de matemática, ciência, astronomia, navegação, política, história, geografia e religião, certamente.

2. O ensino caldeu. Os caldeus possuíam um padrão de ensino desenvolvido. Foram pioneiros nos estudos da astronomia e responsáveis pelo avanço da matemática. Eles também dominavam a escrita cuneiforme, usada para registrar leis, negócios e eventos

históricos. Por outro lado, o ensino caldeu era impregnado de astrologia e misticismo, formando os seus magos, encantadores e feiticeiros (Dn 2.2). Desse modo, ao serem introduzidos na educação daquele povo, os jovens hebreus estavam adentrando a um mundo totalmente diferente. Corriam o risco de aculturação, isto é, a perda da cultura e das crenças hebraicas, por meio da assimilação e acomodação à cultura dos caldeus. Isso fazia parte do plano de Nabucodonosor. Porém, os jovens traziam em suas mentes e corações os ensinamentos que haviam recebido em Jerusalém. Não recusaram o plano de estudos, pois estavam preparados em termos espirituais, morais e no conhecimento das Escrituras para rejeitarem a doutrinação babilônica.

3. Discernimento diante da estratégia inimiga. Nabucodonosor era um conquistador violento, mas não era um bárbaro em termos de conhecimento. Ele tinha consciência da importância da formação cultural como estratégia velada de reeducação e ressignificação das ideias na mente dos exilados, especialmente dos jovens. Afinal, o Inimigo é astuto, e procura trabalhar na mentalidade das pessoas desde tenra idade, sem usar métodos violentos, mas pedagógicos. Esse mesmo modo de operação se repete hoje, quando os inimigos de Deus tentam deturpar os valores das crianças, adolescentes e jovens. Assim como Daniel e seus amigos, é preciso ter uma mente protegida pela Palavra do Senhor e um coração sábio (Sl 119.11,12) para aprender o que for útil, e rejeitar todo conhecimento humano que perverte a verdade de Deus.

II – DA RELATIVIZAÇÃO DE VALORES À DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

1. A relativização da verdade. Caso assimilassem o padrão moral da religião dos caldeus, os jovens hebreus estariam a aceitar a relativização da verdade. Afinal, o relativismo pode se propagar tanto pela imposição, quanto pela destruição sutil dos referenciais éticos na cultura. Nos dias atuais, a primeira forma ocorre quando se procura legalizar concepções politicamente corretas, pela proibição de discursos, limitação do acesso à informação e outros mecanismos que restringem a liberdade de crença e de expressão. Por essa razão, em muitos lugares do mundo, cristãos enfrentam resistência na pregação do Evangelho. Em diversos países, a defesa de convicções e valores morais que decorrem diretamente da fé é considerada crime. O relativismo, por mais antagônico que seja, não tolera a defesa de qualquer absoluto, nem mesmo na esfera da religião. Na presente Era tudo se dilui e é adaptável, segundo os sociólogos essa época pode ser chamada de “modernidade líquida”.

2. Desconstruir identidades. A segunda forma de disseminação do relativismo é sutil. Ela se dá pela desconstrução dos referenciais que levam à perda da identidade. O que é identidade? É aquilo que define e dá significado às nossas vidas. Nós, cristãos, por exemplo, temos uma identidade bíblica, que expressa nossa origem, crenças essenciais e a ética que professamos. Isso nos caracteriza e nos distingue. Foi o caminho da desconstrução que a Babilônia adotou com os jovens hebreus, ao trocar os seus nomes (Dn 1.7). Ao

fazer isso, Aspenaz, em consideração ao rei e seus deuses pagãos, intencionava fazer uma lavagem cerebral em Daniel e seus companheiros.

3. Novos nomes, a mesma identidade. Naquele tempo os nomes pessoais tinham imenso valor e significado, especialmente para os judeus, que o entendiam como uma expressão da personalidade e do propósito de vida de alguém. Seus nomes foram mudados para que a Babilônia pudesse apagar de seus corações e mentes suas origens. Pretendiam substituir o Deus verdadeiro pelos deuses do paganismo, com o propósito de mudar seus referenciais e identidades. O próprio nome de Nabucodonosor era uma referência às divindades pagãs. Na língua acadiana *Nabu-Kudurri-Usur* significava "Nabu é o meu protetor".

Com isso, Daniel que significa "Deus é meu juiz"; deram-lhe o nome Bel-tessazar, "Bel protege o rei". Hananias "Deus é gracioso"; chamaram-lhe de Sadraque, "Iluminado pelo sol". Misael significa "Quem é como Deus?"; foi chamado de Mesaque, "Aquele que pertence à deusa Sesaque". Azarias significa "Deus ajuda", deram-lhe o nome de Abede-Nego, "Servo do deus Nego". Embora não pudessem impedir tal mudança, isso não fez a menor diferença em suas vidas. A forma como passaram a ser chamados não entrou em seus corações. Os novos nomes sociais não mudaram suas verdadeiras identidades e muito menos aboliram a centralidade de Deus.

III – ENSINOS PARA HOJE

1. Fidelidade nas escolas e universidades. O fato dos jovens hebreus terem passado pela faculdade babilônica

e saído de lá formados e aprovados com louvor (Dn 1.17-20), mantendo a integridade e fidelidade ao Senhor, tem muito a nos inspirar hoje. Sobretudo, eles souberam proteger seus valores contra o ensino da época. Atualmente, a educação secular encontra-se igualmente carregada de ideologias nocivas, que procuram suplantar a educação clássica e os valores cristãos. Valendo-se de pensadores secularistas, agnósticos, ateus e alinhados a ideologias anticristãs, muitos professores fazem uso de um ensino relativista. Muitos centros educacionais são locais hostis aos cristãos, em virtude do ambiente e do conteúdo ensinado. Não raro, os crentes são pressionados a abandonar suas "crenças ultrapassadas", aceitar a "ciência" e deixar as coisas da fé para trás, ou confiná-la ao ambiente privado. Isso decorre do Secularismo. O exemplo de Daniel e seus amigos nos mostra que é possível enfrentar esse ambiente, estando previamente preparados para responder sobre a razão da nossa esperança (1 Pe 3.15).

2. Retendo o que é bom. Nem tudo aquilo que os jovens hebreus aprenderam era negativo e ofensivo à fé em Jeová. Durante os três anos de estudo, como vimos, eles foram instruídos em diversas áreas do conhecimento humano. Grande parte desse conteúdo era importante, pois lhes proporcionava habilidades e competências intelectuais. O próprio registro bíblico enaltece, ao final do período, a aquisição de conhecimento e a inteligência de Daniel em todas as letras e sabedoria (Dn 1.17). Este fato é um forte indicativo de que podemos aproveitar o conhecimento e a sabedoria não tipicamente religiosa, desde que não contrarie a verdade de Deus.

Daniel não demonizou toda a cultura da Babilônia e o ensino dos caldeus. Com muita sabedoria, comparou aquilo que os seus professores ensinavam, com o que havia aprendido de seus pais e líderes de Judá. Ele usou um filtro para aproveitar o que era bom e rejeitar o que era nocivo (1 Ts 5.21). De idêntica maneira, o jovem cristão pode, e deve, valorizar o estudo secular, pois além de proporcionar conhecimento, serve para a formação profissional e para o mercado de trabalho, área na qual o crente pode ser usado por Deus e fazer a diferença. O segredo é submeter tudo ao crivo das Sagradas Escrituras (2 Co 10.5; At 17.11).

3. Mantendo a identidade em tempos pós-modernos. Tal como fez Aspenaz, o mundo procura meios de mudar a identidade do cristão. Em tempos pós-modernos, onde falta firmeza e consistência moral e espiritual, existe uma estratégia diabólica de perda de sentido e significado. O espírito desta época procura seduzir os crentes da desnecessidade de uma identidade própria, dada por Deus, tratando isso como algo ultrapassado. O mundo fala em "abrir" a mente, "flexibilizar" as convicções e "desconstruir" as tradições arcaicas. Em cada área da vida se percebe a estratégia de "mudança de nomes". A ideologia de gênero procura destruir a identidade sexual. O sincretismo busca acabar com a identidade religiosa. O relativismo se propõe a desfazer a identidade moral. Como nunca, a forma de proceder dos jovens hebreus serve como modelo de bravura e resistência aos impetus de destruição identitária. Podem até mudar o nosso nome, mas não conseguem mudar quem somos: cristãos. Aqueles que creem e vivem em Cristo (At 11.26).

✓ CONCLUSÃO

Como vimos, as escolhas e determinação de Daniel e seus amigos nos instigam a manter nossa identidade espiritual e nossos princípios, mesmo quando enfrentamos desafios que ameaçam desviar-nos do caminho da verdade. É preciso resistir sabiamente, pois sabemos em quem temos crido (2 Tm 1.12).

✓ HORA DA REVISÃO

1. Por que se considera que os caldeus possuíam um ensino desenvolvido?

2. Durante os estudos na Babilônia, os jovens corriam qual risco?

3. O que é identidade?

4. Por que os nomes dos jovens hebreus foram mudados?

5. Qual o significado original do nome Daniel e qual o sentido do nome que lhe deram?





UMA FIRME DECISÃO DE NÃO SE CONTAMINAR

TEXTO PRINCIPAL

“E Daniel assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia; portanto, pediu ao chefe dos eunucos que lhe concedesse não se contaminar.” (Dn 1.8)

RESUMO DA LIÇÃO

A fidelidade a Deus implica em força de caráter e conduta íntegra para preservar os valores da vida cristã.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – 1 Pe 3.16

Uma boa consciência

TERÇA – 2 Tm 1.7

Deus não nos deu o Espírito de temor

QUARTA – Lc 16.10

Fidelidade em tudo

QUINTA – Pv 11.3

A sinceridade dos íntegros

SEXTA – 1 Pe 3.16

Com mansidão e temor

SÁBADO – Ef 5.26

Purificando pela Palavra



TEXTO BÍBLICO

Daniel 1.11-16

- 11 Então, disse Daniel ao despenseiro a quem o chefe dos eunucos havia constituído sobre Daniel, Hananias, Misael e Azarias:
- 12 Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias, fazendo que se nos deem legumes a comer e água a beber.
- 13 Então, se veja diante de ti a nossa aparência e a aparência dos jovens que comem a porção do manjar do rei, e, conforme vires, te hajas com os teus servos.
- 14 E ele conceio nisso e os experimentou dez dias.
- 15 E, ao fim dos dez dias, pareceram os seus semblantes melhores; eles estavam mais gordos do que todos os jovens que comiam porção do manjar do rei.
- 16 Desta sorte, o despenseiro tirou a porção do manjar deles e o vinho que deviam beber e lhes dava legumes.

INTRODUÇÃO

Um dos segredos da vida vitoriosa de Daniel foi sua firmeza de caráter. Desde o início ele expressou profunda convicção em Deus e força de vontade para resistir à contaminação na Babilônia. Tendo como referência o episódio no qual o jovem hebreu se recusou a partilhar das finas iguarias do rei, nesta lição aprenderemos que pequenos gestos podem resultar em grandes vitórias.

I – O BANQUETE DO REI

1. A oferta do manjar. Durante o período de treinamento para o serviço da corte, os jovens cativos estariam submetidos a uma dieta diária específica (Dn 1.5). Eles deveriam se alimentar da mesma refeição que era servida ao rei. Para o senso natural isso seria uma grande oportunidade. O simples fato de não precisarem fazer a própria comida já seria uma boa notícia, não é mesmo? Além disso, eles teriam o privilégio de desfrutar dos banquetes reais e da melhor comida e bebida servidas no palácio. Poderia parecer para alguns a chance perfeita de adquirir status. Daniel, porém, era um jovem espiritual, e seu coração não estava na satisfação momentânea.

Seu propósito não era agradar o rei da Babilônia, mas o Rei do Universo.

2. Uma decisão firme. O texto bíblico ressalta que Daniel propôs em seu coração não se contaminar com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia, pedindo que ele e seus amigos fossem dispensados (Dn 1.8). Eles se alimentariam somente de legumes. Foi uma decisão convicta e com firmeza. Antes de dizerem “não” ao rei, os quatro rapazes haviam dito “sim” a Deus. Antes de expressar em palavras o que queriam, eles estavam preparados para se absterem da contaminação. Foi a manifestação de uma fé firme e sincera (1 Pe 3.16; 5.9; 2 Tm 1.5). A recusa em participar dos manjares foi um ato de bravura prudente. A vida deles estava em perigo, mas mesmo assim, manifestaram o protesto. Uma fé verdadeira não compactua com a covardia (2 Tm 1.7). Infelizmente, o medo da rejeição social tem levado muitos ao fracasso espiritual, negando a fé e os valores cristãos.

3. Uma decisão pequena, mas poderosa. Para alguns, aceitar uma simples refeição ou um pequeno convite não faz qualquer diferença. Eles poderiam pensar em ter feito somente essa concessão,

acreditando – como muitos – que não haveria maiores repercussões na vida: "Não tem problema fazer só isso". Talvez, eles estivessem sendo exagerados com a decisão, muitos poderiam dizer. Contudo, eles sabiam que pequenas decisões provocam grandes consequências (Gl 6.7). Tinham consciência que ceder um pouco seria abrir a porta para o pecado entrar.

II – O FIRME PROPÓSITO DE NÃO SE CONTAMINAR

1. Contra a contaminação. Apesar da ausência de detalhes no relato, há diversas razões para Daniel ter se recusado a comer da mesma refeição do rei. O sentido original da palavra "contaminar" indica algo impuro ou manchado. Eles queriam se manter puros. A primeira explicação estaria no cuidado dos jovens em não violar as leis alimentares estabelecidas aos israelitas (Lv 11; 17.11). Os alimentos também poderiam ter sido sacrificados aos ídolos, ou de algum modo faziam parte de rituais do paganismo babilônico, contrariando a lei mosaica (Dt 6.13-15).

2. Cuidado com as companhias. A razão mais aceita para motivar a recusa dos jovens, liderados por Daniel, seria o cuidado para não partilhar habitualmente a mesa com o rei. Na antiguidade, participar da mesma refeição era um ato que demonstrava comunhão, algo que Daniel não estava disposto a fazer. Sua fidelidade era inteiramente a Deus. Uma coisa é o crente se relacionar socialmente com descrentes e pessoas que não possuem as mesmas convicções que as suas; outra é manter comunhão. O apóstolo Paulo, igualmente, adverte sobre o cuidado que devemos ter com quem nos associamos (1 Co 5.9-11). Isso nos leva a refletir sobre as pessoas com quem convivemos. São pessoas que nos inspiram para o bem e

querem o melhor para as nossas vidas? Ou são pessoas tóxicas cuja proximidade poderá nos destruir? Até nos relacionamentos é preciso ser firme para evitar contaminações (1 Co 15.33).

3. Gentileza e favor divino. Ao formular o pedido a Aspenaz, Daniel foi firme e ao mesmo tempo gentil. Isso foi uma atitude de sabedoria e educação. Ao defendermos a nossa fé diante dos outros devemos ser mansos e educados (1 Pe 3.15). Coragem sem prudência é tolice.

Outro aspecto importante a ser observado nesse episódio é que Deus concedeu a Daniel misericórdia (Dn 1.9). A Bíblia está mostrando, mais uma vez, que tudo o que alcançamos na vida deve-se ao favor divino, à sua imensa graça. Apesar de todo empenho e dedicação de Daniel, todo o mérito estava no Senhor.

III – O RESULTADO DA FIDELIDADE A DEUS

1. A prova de Daniel. Embora fosse simpático para com os rapazes, o oficial tinha receio do desfecho. Ele temia perder a sua vida, caso os jovens se mostrassem com aparência menos saudável ao se apresentarem diante do rei, em comparação com os demais (1.10). Daniel propõe então um teste: durante dez dias eles comeriam somente legumes e beberiam somente água. Ao final desse período, poderiam ser inspecionados junto com os outros. A audaciosa prova proposta por Daniel mostra que o servo de Deus não precisa temer os desafios do mundo. Isso não significa sair por aí querendo demonstrar superioridade, e sim, confiança no Senhor.

Depois dos dez dias, os hebreus se apresentaram com melhor semblante e mais fortes que os outros jovens que comiam do manjar do rei da Babilônia

(1.15). Esse é o resultado de servir e ser fiel ao Senhor. Ninguém perde coisa alguma quando se recusa a comprometer a sua fé.

2. O Senhor garante e aprova. Passado algum tempo, os jovens foram conduzidos diante de Nabucodonosor (1.18-20). Depois de lhes fazer perguntas para medir o conhecimento, descobriu que se tratavam dos jovens mais sábios do seu reino, superando a todos. Não eram somente eruditos, mas também piedosos e tementes a Deus. Daniel, em especial, recebeu do Senhor o dom de interpretar todo tipo de visões e sonhos (1.17). Isso nos faz perceber que é possível conciliar conhecimento, com graça; inteligência com poder.

Os quatro moços foram aprovados por Nabucodonosor, mas antes disso foram aprovados por Deus, alcançando posição de destaque. Esse é o resultado de servir e ser fiel ao Senhor. Em uma sociedade que gosta de fazer comparações, que mede as pessoas pelo desempenho e coloca a todos nos mesmos moldes e padrões, devemos ter o entendimento de que somos diferentes e nossos métodos são distintos do mundo. Vale a pena ser cristão. Vale a pena ser puro. Vale a pena ser fiel!

3. Rejeitando as tentações do mundo. É importante lembrar que a rejeição dos "manjares do mundo" não se limita apenas a banquetes extravagantes, mas abrange todas as áreas da vida. Um coração incontaminável demonstra firmeza ao dizer "não" não apenas à pornografia e à fornicação, mas também à idolatria e a todas as obras da carne (Gl 5.19-21). Num mundo de apatia e indiferença espirituais, esta postura é um lembrete constante da importância de permanecer fiel aos princípios espirituais, independentemente das tentações que possam surgir no caminho.

✓ CONCLUSÃO

Como manter a pureza de caráter em meio a uma sociedade corrompida? Como foi possível aprender com Daniel, a resposta a esta pergunta tem início com uma resolução firme que nasce no coração. A conduta íntegra simplesmente resulta desse compromisso interno com a intenção de agradar a Deus.

✓ HORA DA REVISÃO

1. Diante do manjar oferecido pelo rei, o que Daniel propôs em seu coração?

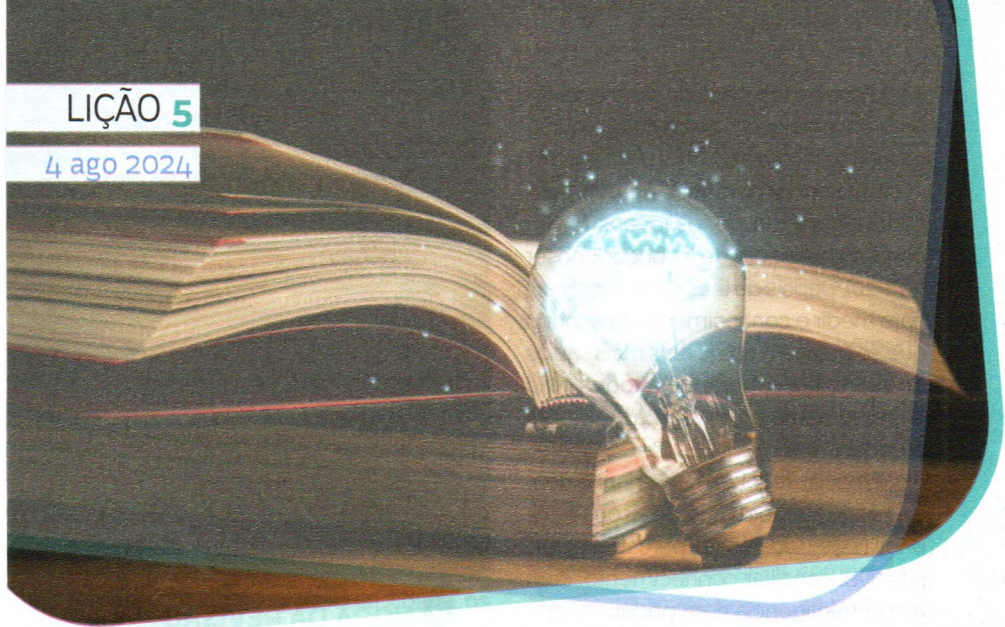
2. Como Daniel agiu ao formular o pedido a Aspenaz?

3. No lugar da comida do rei, qual foi a proposta feita por Daniel?

4. Ao final dos dez dias, como se apresentam Daniel e seus amigos?

5. Que tipos de banquetes o mundo tem oferecido aos jovens da atualidade?





A REVELAÇÃO DE DEUS CONFRONTA O SECULARISMO

TEXTO PRINCIPAL

"Então, foi revelado o segredo a Daniel numa visão de noite; e Daniel louvou o Deus do céu."
(Dn 2.19)

RESUMO DA LIÇÃO

O sonho revelado a Daniel mostra o mundo sobrenatural e que o reino de Deus não tem fim.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – Js 1.9

Não se apavore

TERÇA – Tg 5.16

A oração pode muito em seus efeitos

QUARTA – 1 Sm 9.15

Deus revela

QUINTA – Fp 2.3

Agindo com humildade

SEXTA – 1 Co 2.10-12

O Espírito revela as coisas de Deus

SÁBADO – At 1.7; 1 Ts 5.1

Os tempos e as estações pertencem a Deus



TEXTO BÍBLICO

Daniel 2.1-5

- 1 E no segundo ano do reinado de Nabucodonosor, teve Nabucodonosor uns sonhos; e o seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o seu sono.
- 2 E o rei mandou chamar os magos, e os astrólogos, e os encantadores, e os caldeus, para que declarassem ao rei qual tinha sido o seu sonho; e eles vieram e se apresentaram diante do rei.
- 3 E o rei lhes disse: Tive um sonho; e, para saber o sonho, está perturbado o meu espírito.
- 4 E os caldeus disseram ao rei em siríaco: Ó rei, vive eternamente! Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação.
- 5 Respondeu o rei e disse aos caldeus: O que foi me tem escapado; se me não fizerdes saber o sonho e a sua interpretação, sereis despedaçados, e as vossas casas serão feitas um monturo.

INTRODUÇÃO

Você já teve a experiência de ter um sonho e, na manhã seguinte, não conseguir se lembrar dele? O capítulo dois do livro de Daniel narra o episódio no qual algo semelhante ocorreu com Nabucodonosor, deixando-o atormentado. Porém, como veremos, não se tratava de um sonho comum. O jovem Daniel foi convocado e, por revelação divina, deu tanto a descrição quanto a interpretação do sonho, mostrando o plano de Deus para os governos mundiais. Neste estudo também aprenderemos com as atitudes de Daniel diante de uma situação de crise.

I – O SONHO PERTURBADOR DO REI

1. Um sonho esquecido (2.1-5).

No capítulo dois do livro em estudo, somos apresentados à primeira crise enfrentada por Daniel, que colocou ele e seus companheiros em perigo. Tudo começou com um sonho perturbador que assolou Nabucodonosor e

o deixou sem dormir. Para agravar, no dia seguinte o rei não conseguia se lembrar do conteúdo do sonho. Para nossa cultura, esse tipo de esquecimento é comum, mas na superstição oriental da época, era considerado um mau presságio, indicando a ira das divindades. Por essa razão, o rei ficou profundamente angustiado.

A primeira ação do rei foi convocar um grupo diversificado de conselheiros reais, que incluía magos, astrólogos, feiticeiros, encantadores e caldeus. Esses indivíduos eram especialistas em várias áreas do conhecimento e da ciência da época, incluindo previsões políticas, econômicas e sociais. No entanto, para realizar a tarefa que lhes foi incumbida, eles precisavam de informações mais detalhadas, pedindo ao rei a descrição do sonho. Para surpresa e temor desses conselheiros, eles ficaram sabendo que a tarefa não se limitava apenas a interpretar o significado do sonho, mas também a relatar o próprio sonho. Essa exigência era incomum e parecia absurda, quase

como uma brincadeira cruel, pois, se não fossem capazes de atendê-la, seriam condenados à morte. Diante dessa situação, foram forçados a pedir novamente: "Conte-nos o sonho e daremos a sua interpretação" (2.7).

2. A impotência humana. Ao perceber que os peritos estavam tentando ganhar tempo, Nabucodonosor reafirma sua sentença, ameaçando-os com a pena de morte. Os caldeus, líderes da classe sacerdotal, reconhecem sua própria incapacidade de atender ao pedido, pois se tratava de algo extremamente difícil, senão impossível. Eles afirmam que nenhum ser humano comum seria capaz de realizar tal feito, e que nenhum rei, por mais poderoso que fosse, havia feito uma exigência tão extraordinária. Eles não acreditavam naquele tipo de revelação. Embora fossem peritos em diversas áreas do conhecimento, possuíam uma visão eminentemente naturalista. Precisavam de dados compreensíveis à mente humana, para que pudessem interpretar o sonho. Apesar de acreditarem que os seus deuses tinham esse poder, não achavam que eles pudessem comunicá-lo aos homens (2.11).

3. Daniel é chamado. Inflamado de raiva, Nabucodonosor dá ordens para executar todos os sábios do reino. Nesse momento, Daniel e seus companheiros, embora não ocupassem posições de destaque, estão entre aqueles que podem ser condenados à morte (2.13). Imagine-se na situação desses jovens. Diante de uma crise iminente em que suas vidas estão em perigo, o que passaria por suas mentes? Uma coisa é certa: eles não entraram em pânico! Mesmo cientes

do risco, eles não permitiram que o medo exagerado e paralisante os dominassem.

II – A CONDUTA DE DANIEL E A INTERPRETAÇÃO DO SONHO

1. As atitudes de Daniel. Ao tomar conhecimento da sentença, Daniel adota algumas medidas para lidar com a situação. Em primeiro lugar, ele busca compreender melhor o que estava acontecendo, usando sabedoria e bom senso ao conversar com Arioque, o oficial do rei (2.14;15). Em segundo lugar, ele vai ao rei e solicita mais tempo (2.16). Nem sempre as questões se resolvem rapidamente, e nem sempre Deus age de imediato. Além disso, o fato de o pedido ter sido aceito demonstra que Daniel era uma pessoa de palavra e não estava simplesmente adiando o problema. Em terceiro lugar, ele compartilha a situação com seus amigos (2.17,18). Isso destaca a importância de termos amigos não apenas para momentos de diversão, mas também para intercessão e apoio mútuo. Em quarto lugar, eles oram pedindo misericórdia. Os jovens estudantes pedem a intervenção divina. Você pode entender a importância desse ato? Em vez de desespero, eles se voltam para o Senhor, reconhecendo que somente Ele é capaz de salvá-los. A oração do justo pode muito em seus efeitos (Tg 5.16).

2. Deus atende à oração. Como resposta à oração dos jovens, Deus revela o mistério a Daniel em uma visão durante a noite. A seguir, testemunhamos as nobres características desse jovem exemplar em sua conduta:

a) *Gratidão*: A primeira atitude de Daniel é expressar sua gratidão ao Senhor, reconhecendo e exaltando sua soberania e bondade (2.20-23).

b) *Bondade*: Ao comunicar a revelação ao oficial encarregado, Daniel intercede pela vida de todos os sábios da Babilônia (2.24). Ele demonstra generosidade e não age de forma egoísta ou traiçoeira, mesmo em relação aos incrédulos. Como crentes, não devemos retribuir o mal com mal (1 Pe 3.9; Rm 12.17).

c) *Humildade*: Diante do rei, Daniel faz questão de enfatizar que há um Deus nos céus que é capaz de revelar todos os segredos. Ele não se vangloria nem busca se mostrar superior; pelo contrário, atribui todo o mérito a Deus, a fim de que o rei possa compreender o significado do sonho (2.30).

3. A interpretação e a recompensa.

Daniel compartilha a descrição do sonho do rei, que envolvia uma estátua assustadora. A estátua tinha uma cabeça de ouro puro, peito e braços de prata, ventre e quadris de bronze, pernas de ferro e pés feitos de uma mistura de ferro e barro. Subitamente, uma pedra aparece, sem a ajuda de mãos humanas, e atinge os pés da estátua, fazendo com que ela se despedace completamente. A pedra se transforma em uma grande montanha que preenche toda a terra. Cada parte da estátua representa um reino diferente, revelando o plano de Deus na história. O reino de Nabucodonosor, representado pela cabeça de ouro, será sucedido por três outros reinos mundiais. Por fim, a pedra que destrói a estátua simboliza o reino de Deus, que é eterno e jamais terá fim (2.44).

Após a explicação, o rei reconhece a veracidade da revelação. Diz que o Deus dos jovens hebreus é o Deus dos deuses e o Senhor dos reis (2.47). Além de presentear Daniel, o pôs como governador de toda a província da Babilônia e chefe de todos os sábios da Babilônia. Os servos de Deus podem alcançar posições de destaque na sociedade pela excelência de seus trabalhos e obediência à vontade do Senhor.

III – A REVELAÇÃO DE DEUS EM TEMPOS DE SECULARISMO

1. A infalibilidade da Palavra de Deus. Um dos ensinamentos deste episódio é que a Palavra de Deus não falha. Estamos diante de uma das mais notáveis profecias que se cumpriu na história, numa referência aos impérios que vieram logo depois do Império Babilônico: Império Medo-Persa, Império Grego e Império Romano. Muitos anos depois (cap. 7), o próprio Daniel terá uma visão que irá retratar as mesmas realidades históricas desta revelação, conforme estudaremos detalhadamente na décima lição. Até mesmo os críticos da Bíblia têm dificuldades para explicar como isso ocorreu, afinal, é algo sobrenatural. Daniel não fez previsão e calculou probabilidades a partir de dados conhecidos. Ele ouviu a voz de Deus.

2. O secularismo racionalista. Este episódio coloca em discussão, no mundo atual, a existência de um tipo de revelação além da razão humana. O processo de secularização iniciado a partir do Iluminismo procurou afastar a religião da esfera pública. No seu cerne está o secularismo, uma

ideologia que parte da descrença na revelação divina de verdades aos seres humanos, restando somente os elementos fornecidos pela razão. Essa é a perspectiva adotada por ateus e céticos que insistem em desprezar a fé, sob o entendimento de que o universo é um sistema fechado de causa e efeito, sem espaço para o sobrenatural. Somos levados a entender que os consultores do rei tinham essa mesma linha de pensamento. Apesar de religiosos, não acreditavam em uma revelação divina plena. Suas divindades não se comunicavam com os seres humanos. Nossa época parece presenciar algo semelhante.

3. A revelação e o sobrenatural.

Antes de tudo, acreditamos em um Deus que se revela, e revela seus planos ao homem, seja de forma geral (Sl 19) ou especial (Hb 1.1-3), incluindo sonhos e visões (Is 1.1; 6.1; Ez 1.3, Ap 1.1). O favor de Deus sobre a vida do profeta mostra que a fé bíblica sabe conciliar a revelação sobrenatural com a razão. Como observou John Lennox, "Quando Deus revelou o assunto a Daniel, não suspendeu o uso da razão por parte do jovem. Daniel teve de usar a razão para entender as palavras que Deus lhe disse e formular a sua resposta a Nabucodonosor", que por sua vez precisou usar a razão para ver que a interpretação fazia sentido. Sem abrir mão da revelação, o crente faz uso de uma racionalidade concedida por Deus (Rm 12.1; 1Pe 2.2), que opera em um nível além da compreensão humana. É uma racionalidade que não negligencia o sobrenatural, pois tem a certeza de que Deus está agindo no seu próprio mundo criado.

✓ CONCLUSÃO

O mesmo Deus que graciosamente revelou a Daniel o sonho do rei e a sua interpretação, é o mesmo Deus que continua a revelar-se em nossos dias. Assim como Ele mostrou sua sabedoria e poder na vida de Daniel, Ele ainda hoje demonstra sua presença e cuidado por meio de suas revelações. Podemos buscar a Deus em oração, meditar em sua Palavra e estar atentos à sua voz sussurrada em nosso coração.

✓ HORA DA REVISÃO

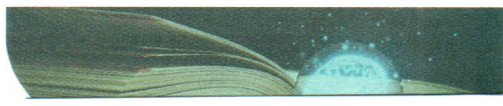
1. Para a superstição oriental da época, o que significava esquecer um sonho?

2. Qual foi a primeira ação do rei diante do sonho?

3. Qual a primeira atitude de Daniel diante da situação?

4. Como era a estátua do sonho?

5. O que é o Secularismo?





CORAGEM PARA ENFRENTAR A FORNALHA ARDENTE

TEXTO PRINCIPAL

"Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e da tua mão, ó rei." (Dn 3.17)

RESUMO DA LIÇÃO

Se demonstrarmos a coragem de recusar a idolatria, podemos confiar que Deus nos protegerá.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA - Êx 20.3

Não terás outros deuses

TERÇA - 2 Tm 1.7

Deus não nos deu o espírito de covardia

QUARTA - Rm 8.33-37

É Deus que nos justifica

QUINTA - Cl 2.8

Cuidado com as ideologias

SEXTA - 2 Tm 3.2

Amantes de si mesmos, um tipo de idolatria

SÁBADO - Mt 6.24

Não podemos servir a Deus e a Mamom



TEXTO BÍBLICO

Daniel 3,1-6

- 1 O Rei Nabucodonosor fez uma estátua de ouro, cuja altura era de sessenta côvados, e a sua largura, de seis côvados; levantou-a no campo de Dura, na província de Babilônia.
- 2 E o rei Nabucodonosor mandou ajuntar os sátrapas, os prefeitos, os presidentes, os juizes, os tesoureiros, os conselheiros, os oficiais e todos os governadores das províncias, para que viessem à consagração da estátua que o rei Nabucodonosor tinha levantado.
- 3 Então, se ajuntaram os sátrapas, os prefeitos, os presidentes, os juizes, os tesoureiros, os conselheiros, os oficiais e todos os governadores das províncias, para a consagração da estátua que o rei Nabucodonosor tinha levantado, e estavam em pé diante da imagem que Nabucodonosor tinha levantado.
- 4 E o arauto apregoava em alta voz: Ordena-se a vós, ó povos, nações e gente de todas as línguas:
- 5 Quando ouvirdes o som da buzina, do píforo, da harpa, da sambuca, do saltério, da gaita de foles e de toda sorte de música, vos prostrareis e adorareis a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor tem levantado.
- 6 E qualquer que se não prostrar e não a adorar será na mesma hora lançado dentro do forno de fogo ardente.

INTRODUÇÃO

Nesta lição trataremos do episódio em que Ananias, Misaél e Azarias resistem bravamente à ordem de Nabucodonosor para que todos adorassem a estátua de ouro por ele erigida. Esse é um relato de como três jovens tementes a Deus ousam enfrentar um monarca tirano e totalitário que procurou impor sua religião a todas as pessoas. Mesmo ameaçados de morte, eles não negaram ao Deus Altíssimo, preferindo enfrentar a fornalha ardente. Neste estudo, além de inspirados pela resistência dos jovens hebreus, seremos advertidos sobre os cuidados com as formas sutis de idolatria que procuram retirar a centralidade de Deus de nossas vidas.

I – O REI TOTALITÁRIO MANDA CONSTRUIR UMA ESTÁTUA DE OURO

1. O endeusamento do rei. Ao longo da história muitos homens tentaram

assumir a posição de deuses, em busca de glória e reverência. Envenenado pelo poder, Nabucodonosor também fez isso. O monarca mandou construir no campo de Dura uma estátua de ouro com mais de vinte e sete metros de altura. O fato de ter ouvido anteriormente que ele era a cabeça de ouro da estátua de seu próprio sonho seria a causa dessa soberba construção? A Bíblia não dá detalhes sobre isso. Também não menciona de quem era a representação da imagem, se dele mesmo ou se de alguma de suas divindades. Seja como for, vemos aqui um ato extremo de auto-exaltação e demonstração de poder. Muitas vezes a religião é somente um pretexto para alguém esconder o desejo de ser notado pelo mundo, usando-a para fins egoístas. Não era incomum também entre os monarcas babilônios o levantamento de imagens em sua própria honra.

2. Em busca de adoração. O rei extravagante mandou convocar todas as autoridades do seu reino para comparecerem à cerimônia de consagração da imagem levantada. Mais que um simples convite, era uma ordem! Dessa forma ele queria impor sua religião a todos. Além da presença, todos deveriam se prostrar em adoração diante da suntuosa imagem assim que os instrumentos fossem tocados. A estátua sobrepujava um objeto arquitetônico; era um ídolo que deveria ser reverenciado por todos os súditos, tanto que a palavra "adorar" (hb. sâghadh) é mencionada diversas vezes (vv. 5, 6, 7, 10, 11, 12, 14, 15, 18, 28). A punição para o descumprimento seria a morte dentro da fornalha.

A solenidade é extravagante e pomposa. Assim que os instrumentos musicais fossem tocados, todos, incluindo as autoridades, deveriam se prostrar e adorar a imagem levantada pelo rei.

3. A ausência de Daniel. Daniel não é mencionado neste episódio. Onde estava e o que fazia na ocasião não é revelado. Mesmo aqui extraímos algumas lições. O fato dele não estar diretamente envolvido nesse relato, apesar de ser o personagem humano principal no livro, indica que a coragem e a fé não eram exclusivas dele. Mostra que a fé e a fidelidade ao Senhor eram qualidades compartilhadas igualmente pelos outros jovens judeus. Além disso, o fato de Daniel, autor do livro, ter registrado o episódio sem a sua presença, demonstra sua humildade ao não se colocar como a única testemunha fiel na Babilônia, mas sim como alguém que deseja transmitir as lições e os exemplos de fé de seus companheiros. A fidelidade não é exclusiva de alguém.

Da mesma forma, não existem heróis solitários na vida cristã e sempre há alguém com quem podemos contar. A igreja é um corpo, formado por muitos membros (Rm 12.4,5).

II – A CORAGEM DOS AMIGOS DE DANIEL

1. A denúncia e o perfil dos acusadores. Diante do decreto, alguns caldeus (3.8) se dirigem ao rei e denunciam o trio de jovens hebreus, dizendo: "Há uns homens judeus, que tu constituíste sobre os negócios da província de Babilônia: Sadraque, Mesaque e Abede-Nego; esses homens, ó rei, não fizeram caso de ti; a teus deuses não servem, nem a estátua de ouro, que levantaste, adoraram" (3.12). Em primeiro lugar, as palavras dos acusadores revelam que eram invejosos, ao mencionar a posição privilegiada que os jovens judeus conquistaram em tão pouco tempo. Em segundo lugar, eram bajuladores, ao apelarem para o ego do rei ("não fizeram caso de ti"). Em terceiro lugar, eram ingratos, porquanto se esqueceram que eles tiveram a vida poupada pela intervenção de Daniel e destes jovens que agora denunciam (2.24).

2. A bravura dos jovens. Tomado de fúria, o rei manda chamar os três rapazes e lhes dá o ultimato: se adorassem a estátua estariam livres; do contrário seriam lançados imediatamente na fornalha. Em sua prepotência, ainda diz: "[...] e quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?" (v.15). Mostrando profunda convicção e força de caráter, que se manifesta em crentes sinceros que não se acovardam (2 Tm 1.7), os três rapazes rejeitam até mesmo se defender. Eles não precisam se justificar diante

da injustiça; é Deus quem os justifica (Rm 8.33). Com bravura, afirmam que se forem lançados na fogueira Deus os livrará. E mesmo se isso não ocorresse, em hipótese alguma iriam cultuar a imagem (v.18). Não negociaram a fé. Mesmo que as pessoas mais influentes tivessem cedido e ainda que a multidão tenha se curvado à estátua, eles não o fariam. Tal resposta mostra que estes jovens eram novos em idade, mas maduros na fé. Sabiam que eventualmente, dependendo da vontade de Deus, estariam preparados para a morte. Preferiam morrer a ceder ao pecado!

3. O Deus que salva na fogueira.

Nabucodonosor mandou aquecer a fogueira sete vezes mais, e determinou que os moços fossem amarrados e jogados dentro dela. E o milagre acontece. O próprio rei percebeu que eles não estavam sós, mas havia um quarto homem com eles, com aparência divina. Eles estão vivos, e caminham livremente pelo fogo (v.25). O fogo queimou as cordas, mas eles estão ilesos. O Senhor permite que passemos por vales e provações, mas sempre está conosco (Is 43.2; Mt 28.20). Como resultado da fidelidade e bom testemunho dos jovens, o rei, agora, em vez de exigir adoração, louva a Deus (v.28). Quando o crente é fiel, o Senhor é exaltado. Quando o crente honra a Deus, Deus também o honra (v.26).

III – IDOLATRIAS E FOGUEIRAS DO TEMPO PRESENTE

1. O pecado da idolatria. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento a Palavra de Deus adverte enfaticamente sobre a idolatria (Dt 5.7; 1 Co 10.14; Gl 5.20; 1 Pe 4.3). É um pecado grave que

viola o primeiro mandamento (Êx 20.3). É a adoração a um ídolo, uma imagem ou qualquer outra coisa que seja considerada um falso deus ou objeto de adoração no lugar do Deus verdadeiro. Por essa razão, os jovens hebreus se negaram a atender à ordem do rei. A sua nação estava sendo castigada pelo Senhor por causa da idolatria, e eles não estavam dispostos a cometer o mesmo erro do povo. Eles não chegaram a considerar sequer a possibilidade de realizar uma adoração falsa em público enquanto mantinham a fé em Deus dentro de seus corações. Sabiam eles que qualquer forma de compromisso com a idolatria já era uma negação de Deus, pois o verdadeiro testemunho é baseado na integridade, expresso pelos lábios e guardado no coração.

2. Tipos de idolatria. Além da devoção religiosa a falsos deuses e imagens de escultura, a idolatria também pode se manifestar em várias outras condutas que excluem a primazia do Senhor da vida:

a) Autolatria. Forma de idolatria própria que conduz ao egoísmo, ao individualismo e ao narcisismo. Quando o ego e a autoimagem são colocados acima de tudo, as pessoas se tornam amantes de si mesmas (2 Tm 3.2)

b) Culto à personalidade. Valorização e veneração excessiva de outras pessoas, tais como figuras públicas, artistas, influencers e até mesmo religiosos. Paulo combateu esse tipo de prática que levava ao partidário na igreja de Corinto (1 Co 1.12,13).

c) Amor ao dinheiro e à riqueza. A busca desenfreada por riqueza e o foco no dinheiro como o principal objetivo da vida. Jesus disse que ninguém pode

servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom (Mt 6.24).

d) *Idolatria política.* Esse pecado também se manifesta na supervalorização de ideias e formas de pensamento segundo a tradição dos homens (Cl 2.8). Em nossos dias, novas formas de idolatria se escondem em ideologias políticas que prometem algum tipo de salvação ou redenção humana. Devemos ter a convicção de que nenhum homem, partido e nem mesmo o Estado é capaz de salvar. Só temos um Deus e Salvador!

3. As novas fornalhas. Nabucodonosor não foi o único governante a exigir das pessoas lealdade absoluta. Esse tipo de regime totalitário aconteceu diversas vezes na história, transformando o Estado ou o líder político em objeto de reverência absoluta, por meio do culto à personalidade. É um sistema no qual o governo possui controle sobre todos os aspectos da vida dos cidadãos, e não há espaço para oposição política ou liberdades individuais. Em muitos casos, a religião é distorcida e usada como instrumento desse tipo de regime.

Em nossa cultura ocidental, os cristãos estão sendo empurrados para formas atualizadas de fornalhas ardentes. Elas não queimam o corpo, mas tentam destruir a fé, a espiritualidade e as convicções daqueles que servem ao Deus das Escrituras. Pensamentos totalitários procuram jogar os cristãos para a morte na cultura, caso não adotemos os seus ídolos. As fornalhas são novas, mas a estratégia é antiga. Vale a pena seguir o exemplo dos jovens hebreus e batalhar pela fé.

✓ CONCLUSÃO

Muitos anos se passaram desde o episódio em que os jovens hebreus enfrentaram a ameaça de serem lançados em um forno ardente por não adorarem a estátua do rei. Hoje, a Igreja de Cristo se depara com pressões para ceder à ideologias prejudiciais. É essencial encontrar a coragem de resistir a essas pressões idolátras evidentes e, ao mesmo tempo, discernimento para evitar a adoração de ídolos que sutilmente se ocultam em outras formas de expressão.

✓ HORA DA REVISÃO

1. Em que local o Nabucodonosor mandou construir a estátua de ouro?

2. O fato de Daniel não estar diretamente envolvido nesse relato, apesar de ser o personagem humano principal no livro, indica o quê?

3. Quantas vezes Nabucodonosor mandou aquecer a fornalha?

4. O que é a idolatria?

5. Além da devoção religiosa a falsos deuses e imagens de escultura, de que outra forma a idolatria pode se manifestar?





DEUS ABATE O CORAÇÃO ORGULHOSO

TEXTO PRINCIPAL

"Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, e exalço, e glorifico ao Rei dos céus; porque todas as suas obras são verdades; e os seus caminhos, juízo, e pode humilhar aos que andam na soberba." (Dn 4.37)

RESUMO DA LIÇÃO

Nunca devemos nos orgulhar de nossas capacidades e realizações, pois em tudo dependemos da graça de Deus.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – Pv 16.18

A soberba precede a destruição

TERÇA – Tg 4.6

Deus se opõe aos orgulhosos

QUARTA – Pv 29.23

O orgulho do homem o abaterá

QUINTA – 1 Pe 5.5

Revestidos de humildade

SEXTA – Fp 2.5-8

O exemplo de Jesus

SÁBADO – Mc 16.15

Pregando para todos

Daniel 4.1-6

- 1 Nabucodonosor, rei, a todos os povos, nações e línguas que moram em toda a terra: Paz vos seja multiplicada!
- 2 Pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e maravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito para comigo.
- 3 Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosas, as suas maravilhas! O seu reino é um reino sempiterno, e o seu domínio, de geração em geração.

- 4 Eu, Nabucodonosor, estava sossegado em minha casa e florescente no meu palácio.
- 5 Tive um sonho, que me espantou; e as imaginações na minha cama e as visões da minha cabeça me turbaram.
- 6 Por mim, pois, se fez um decreto, pelo qual fossem introduzidos à minha presença todos os sábios de Babilônia, para que me fizessem saber a interpretação do sonho.

INTRODUÇÃO

Na aula de hoje, iremos explorar o quarto capítulo do livro de Daniel, que apresenta um impactante testemunho pessoal do rei Nabucodonosor. Neste relato, testemunhamos como sua soberba o levou, por divina sentença, a uma condição de insanidade, fazendo-o viver como um animal selvagem por um período conhecido como "sete tempos", até que Deus o redimiu dessa situação. Ao fim desse período, Nabucodonosor experimentou uma profunda transformação, reconhecendo a soberania do Deus Altíssimo.

1 – O EDITO E O SONHO DO REI

1. O edito real. O quarto capítulo do livro de Daniel começa com um edito de Nabucodonosor, uma espécie de pronunciamento oficial para conhecimento de todos. Nele, o rei declara a grandeza de Deus (4.3). Contudo, como veremos, o reconhecimento da grandiosidade de Deus pelo rei se deu somente depois da experiência dramática que ele narra a seguir (4.37).

2. A satisfação momentânea do rei e o seu sonho. O rei estava satisfeito e

próspero em seu palácio (4.4). Com suas conquistas, ele havia estendido o domínio do seu vasto império, alcançando grande sucesso. Nabucodonosor desfrutava de riqueza e fama. Sua cidade, Babilônia, era um esplendor e ele se sentia sossegado. No entanto, a paz e a satisfação do rei foram abruptamente interrompidas por um sonho perturbador. Convocados para darem a interpretação do sonho, mais uma vez os sábios da corte não são capazes de desvendar o seu sentido (vv. 6,7). O rei, então, manda chamar novamente Daniel. O monarca sabia que Daniel era diferente, em quem habitava o espírito de um ser divino (vv. 8,9). Diante das dificuldades, os descrentes buscam o socorro daqueles que dão testemunho de Deus.

3. A descrição do sonho. Ao narrar o sonho, o rei diz ter visto uma árvore frondosa, que crescia cada vez mais até sua copa chegar ao céu. Suas folhas eram belas e muitos eram os seus frutos. Os animais do campo se abrigavam debaixo dela e os pássaros faziam ninhos em seus ramos (vv.10-12). No sonho surge uma sentinela, um anjo que descia do céu que dava ordem para que a árvore fosse derrubada, deixando somente o toco e suas raízes, presos com ferro e

bronze. Ele deveria ser molhado como orvalho do céu, e viveria com os animais selvagens. Durante sete tempos, teria a mente de um animal selvagem em vez de mente humana (vv. 15-17).

II – DANIEL INTERPRETA O SONHO E ACONSELHA O REI

1. Agindo com prudência. Depois de ouvir o relato do sonho, Daniel ficou bastante estarecido durante certo tempo (v.19), de sorte que até mesmo o rei tentou tranquilizá-lo. Daniel, porém, sabia do significado do sonho, e possivelmente estava preocupado em como declarar a interpretação ao rei. Mesmo para comunicar a verdade, é preciso ter prudência, e saber a forma adequada de se expressar.

2. A interpretação do sonho. Agindo com coragem e cautela, Daniel passou a contar ao rei a interpretação do sonho:

a) *A árvore majestosa (vv.11,12).* A árvore simbolizava a formosura, a grandeza, o poder e a riqueza do reino de Nabucodonosor. Realmente, este rei que governou a Babilônia no período de 605 a 562 a.C. foi um dos mais poderosos da história da Mesopotâmia. Daniel foi enfático ao dizer que a árvore era o próprio rei: "És tu, ó rei" (v.22).

b) *O juízo divino.* O semblante do rei deve ter caído ao ouvir o restante da interpretação. O seu reino estava com os dias contados. Isso porque, a árvore deveria ser cortada, deixando somente o tronco com as suas raízes, presas com ferro e bronze. O verso 15 mostra que a intenção não era a destruição completa de Nabucodonosor, e sim dar-lhe a oportunidade de se converter e reconhecer que o céu reina (v.26).

c) *Vivendo entre os animais.* Daniel diz, ainda, que o entendimento do rei seria afetado, passando a viver e a comer

entre os animais, durante sete tempos. Isso indicava a perda do discernimento mental, por algum tipo de insanidade.

3. O conselho de Daniel. Percebemos que Daniel não se limitou a explicar o sentido do sonho. Ele também aconselhou o rei a deixar a sua soberba e a renunciar aos seus pecados (v.27). Isso envolvia a prática da justiça e o abandono da iniquidade, usando de misericórdia com os pobres. Isso mostra que a disciplina sobre o imperador também se devia à sua negligência e falta de misericórdia com os menos afortunados. O Senhor considerou essas falhas tão graves que o rei teria de passar por um período de disciplina, comendo com os animais do campo. Daniel era um conselheiro de valor e não estava preocupado em satisfazer o rei para manter o seu cargo na corte, razão pela qual admoestou Nabucodonosor sobre seus vícios de caráter.

III – O CUMPRIMENTO DA PROFECIA E A RESTAURAÇÃO DO REI

1. Deus abate o orgulho. Doze meses após o sonho, ele cumpriu-se cabalmente sobre a vida de Nabucodonosor (4.29). Quando o rei se vangloriava (4.39), uma voz do céu declarou-lhe o destino, sendo expulso da companhia humana e passando o rei a viver como animal. Teve um surto que retirou a sua sanidade mental. Deus estava mostrando quem era o verdadeiro soberano, e que ele resiste aos soberbos. No capítulo 5, Daniel declara que "quando o seu coração se exaltou, e o seu espírito se endureceu em soberba, foi derrubado do seu trono real, e passou dele a sua glória" (5.20).

Reiteradamente a Bíblia adverte sobre os perigos da soberba e do orgulho prepotente (Pv 16.5, 18; Tg 4.6.). Jesus afirmou que qualquer que a si mesmo

se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado (Lc 14.10,11). Portanto, é melhor se humilhar, para ser exaltado por Deus, do que se exaltar, e ser humilhado por ele.

2. O rei reconhece a grandeza de Deus. Tudo isso sobreveio sobre Nabucodonosor para que ele reconhecesse o poder do Altíssimo. Embora fosse chamado pelo profeta Jeremias de "servo" do Senhor (Jr 26.9), no sentido de ter sido o instrumento divino para punir Israel, o rei babilônio não assumiu uma posição de humildade perante Deus. Ocorre que o ímpio precisa ser confrontado pela Palavra de Deus e saber que se encontra perdido. Muito diferente de algumas pregações de hoje, a mensagem de Deus para o rei não buscou inflar o seu ego, mas mostrar o seu estado, para que pudesse se arrepender. E assim aconteceu. Passados os dias conforme a revelação, a consciência de Nabucodonosor retornou, recobrando o juízo. Ele glorificou ao Senhor e reconheceu o seu poder eterno (4.34).

A restauração do rei da Babilônia mostra que o evangelho tem poder e é capaz de transformar a vida de qualquer pessoa. O evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16).

3. Pregando para todas as pessoas. A postura de Daniel ao transmitir integralmente a mensagem divina ao rei, nos ensina sobre a necessidade de pregarmos para todas as pessoas, sem medo (Mc 16.15). Na universidade, no trabalho ou em qualquer lugar, fale de Jesus e do plano da salvação indistintamente. Anuncie o evangelho aos pobres e ricos, e não tenha receio de testemunhar para as autoridades. Daniel não desistiu de Nabucodonosor, e não se deixou levar pelo histórico. Ele sabia que quem transforma é Deus.

✓ CONCLUSÃO

A história pessoal de Nabucodonosor nos oferece uma poderosa lição sobre as consequências da arrogância e da exaltação diante da majestade do Todo-Poderoso. Ela destaca a suprema soberania divina sobre toda a criação, lembrando-nos de que nenhuma criatura pode rivalizar com a glória de Deus. O episódio ilustra a capacidade da misericórdia e da justiça divinas de redimir o ser humano arrependido, revelando a esperança de transformação e restauração para qualquer pessoa.

✓ HORA DA REVISÃO

1. Qual a ordem que a sentinela que surge no sonho dá?

2. O que simbolizava a árvore majestosa?

3. Quanto tempo depois o sonho se cumpriu?

4. Quais palavras foram usadas por Nabucodonosor demonstrando a sua vanglória?

5. O que nos ensina a postura de Daniel de transmitir a mensagem divina ao rei?



A CONSEQUÊNCIA DESTRUIDORA DO PRAZER CARNAL

TEXTO PRINCIPAL

"[...] MENE: Contou Deus o teu reino e o acabou. TEQUEL: Pesado foste na balança e foste achado em falta. PERES: Dividido foi o teu reino e deu-se aos medos e aos persas." (Dn 5.26-28)

RESUMO DA LIÇÃO

O prazer carnal pode satisfazer momentaneamente, mas o seu fim é a destruição.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – Ec 2.10

O perigo do desejo

TERÇA – Gl 5.19-21

As obras da carne

QUARTA – Rm 7.22

O bom prazer na lei de Deus

QUINTA – Sl 111.2

O prazer dos mandamentos

SEXTA – Sl 9.2

Saltando de prazer

SÁBADO – Jo 10.10

Vida abundante

Daniel 5,1-6, 25-31

- 1 O rei Belsazar deu um grande banquete a mil dos seus grandes e bebeu vinho na presença dos mil.
- 2 Havendo Belsazar provado o vinho, mandou trazer os vasos de ouro e de prata, que Nabucodonosor, seu pai, tinha tirado do templo que estava em Jerusalém, para que bebessem neles o rei, os seus grandes e as suas mulheres e concubinas.
- 3 Então, trouxeram os utensílios de ouro, que foram tirados do templo da casa de Deus, que estava em Jerusalém, e beberam neles o rei, os seus grandes, as suas mulheres e concubinas.
- 4 Beberam o vinho e deram louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra.
- 5 Na mesma hora, apareceram uns dedos de mão de homem, e escreviam, defronte do castiçal, na estucada parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo.
- 6 Então, se mudou o semblante do rei, e os seus pensamentos o turbaram; as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos bateram um no outro
- 25 Esta, pois, é a escrita que se escreveu: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM.
- 26 Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino e o acabou.
- 27 TEQUEL: Pesado foste na balança e foste achado em falta.
- 28 PERES: Dividido foi o teu reino e deu-se aos medos e aos persas.
- 29 Então, mandou Belsazar que vestissem a Daniel de púrpura, e que lhe pusessem uma cadeia de ouro ao pescoço, e proclamassem a respeito dele que havia de ser o terceiro no governo do seu reino.
- 30 Naquela mesma noite, foi morto Belsazar, rei dos caldeus.
- 31 E Dario, o medo, ocupou o reino, na idade de sessenta e dois anos.

INTRODUÇÃO

Após a morte de Nabucodonosor II, seu filho Evil-Merodaque (Jr 52,31-34) assumiu o trono da Babilônia por um curto período. No entanto, ele foi assassinado por seu cunhado Neriglissar, que então assumiu o controle do reino. Após o reinado de Neriglissar, o trono passou para seu filho Labashi-Marduk, que governou por apenas nove meses antes de ser assassinado. Com a sua morte, Nabonido, genro de Nabucodonosor, passou a reinar na Babilônia, fazendo seu filho Belsazar como corregente. Este é o rei mencionado no capítulo 5 do livro de Daniel, responsável por organizar um banquete extravagante

e depravado para mil dos seus nobres. Nesta lição, estudaremos sobre este episódio, que realça os perigos da busca pelo prazer e as consequências da indiferença para com as coisas santas de Deus.

I – O BANQUETE DE BELSAZAR E O HEDONISMO

1. Uma festa carnal e irresponsável.

No decorrer da festa carnal, o rei, embriagado, ordenou que fossem trazidos os vasos de ouro e prata saqueados do templo em Jerusalém pelo rei Nabucodonosor (5,2,3). De forma irresponsável, Belsazar e seus convidados profanaram esses vasos sagrados ao utilizá-los para beber vinho e render

culto aos seus ídolos. Nesta ocasião, enquanto Nabonido encontrava-se ausente da Babilônia, Belsazar promovia o seu festejo com mulheres e amigos, satisfazendo as suas paixões, mesmo diante de um momento conturbado para o Império Babilônico. Na ocasião, os medo-persas preparavam a invasão da cidade. Segundo historiadores, a festa teria sido realizada como forma de demonstração de confiança perante os exércitos de Ciro.

2. Uma festa profana. Como muitos, Belsazar deixou-se levar pelos desejos e pela imprudência. Seu festim degenerado, regado de luxúria, bebida e muita comida, acabou por profanar os utensílios sagrados de Israel. Tendo crescido no palácio, Belsazar tinha consciência do que estava fazendo e, possivelmente, sabia da humilhante experiência de Nabucodonosor com Deus (cf. 5.22). Porém, ainda assim, resolveu deliberadamente cometer um ato de sacrilégio, demonstrando falta de reverência em desafio direto às leis divinas.

3. O perigo do hedonismo. O banquete extravagante de Belsazar simboliza a busca pelo prazer carnal e a indiferença espiritual na sociedade atual, imersa em uma cultura orientada ao prazer. O hedonismo é uma doutrina e, ao mesmo tempo, uma forma de viver que coloca o prazer como o principal objetivo da vida. Os hedonistas defendem que a coisa mais importante na vida é a conquista do prazer e a fuga do sofrimento, de sorte que a primeira pergunta que fazem não é: "Isto é correto?", mas sim: "Trará prazer?"

Hoje, vemos muitas manifestações onde o prazer imediato e a busca por

satisfação pessoal superam considerações morais e espirituais. Isso se reflete em comportamentos libertinos na sexualidade, no uso de drogas, na exploração de outros para uso pessoal e uma mentalidade de gratificação instantânea. Vivemos uma época de excessos, na qual as pessoas têm acesso, sem precedentes, a estímulos de alta recompensa e alta dopamina: drogas, comida, notícias, jogos, compras, sexo, redes sociais, etc. O desafio humano atual não é a escassez, mas o excesso. Pesquisas têm demonstrado que o excesso de prazer está deixando as pessoas infelizes. O exagero de estímulos leva a comportamentos viciantes e compulsivos. As Escrituras oferecem várias advertências em relação a esses comportamentos. Em Eclesiastes 2.10-11, o rei Salomão, que buscou prazeres mundanos em sua busca de sabedoria, conclui que tudo é vaidade. Em Gálatas 5.19-21, o apóstolo Paulo adverte contra as obras da carne, que incluem "orgias" e "bebedices".



PENSE!

Vale a pena se satisfazer em algo que o conduzirá cedo ou tarde ao sofrimento?



PONTO IMPORTANTE!

O hedonismo é uma doutrina e ao mesmo tempo uma forma de viver que coloca o prazer como o principal objetivo da vida.

II – O ENIGMA NA PAREDE

1. A escrita na parede. Enquanto o rei e seus convidados se alegravam em seus prazeres, subitamente algo

misterioso aconteceu. Apareceram uns dedos de mão humana que começaram a escrever na parede do palácio do rei (5.5). A euforia deu lugar ao silêncio e o pavor tomou conta de todos. O rei ficou tão assustado que seu rosto empalideceu, seus joelhos batiam um no outro e as pernas vacilaram.

2. O enigma. A escrita era um enigma para todos, incluindo o próprio rei Belsazar. Como era comum, ele chamou os sábios da Babilônia e prometeu que aquele que conseguisse interpretar a escrita receberia honras e seria o terceiro em comando no reino. Isso reforça que Nabonido era o primeiro e Belsazar o segundo (5.7). Porém, apesar dos esforços, nenhum deles foi capaz de interpretar a escrita misteriosa na parede. Isso deixou o rei ainda mais angustiado e aterrorizado, pois ele sabia que esse evento incomum tinha um significado profundo e possivelmente uma mensagem divina.

3. Daniel é chamado. Diante de mais esse momento de crise, a rainha se lembra de Daniel e faz referência do seu nome ao rei (5.10,11). Nessa ocasião, o profeta não é mais um moço, mas um senhor de idade avançada. Ainda assim, temente e fiel a Deus. Em primeiro lugar, isso mostra que o testemunho de Daniel era conhecido, a ponto de ser lembrado por alguém por suas qualidades. Em que ocasiões você tem sido lembrado? Somente em momentos de festas, ou em momentos em que alguém precisa de ajuda espiritual? Em segundo lugar, mostra que Daniel havia amadurecido na presença de Deus. Uma juventude de fidelidade ao Senhor tem consequências para a vida toda.



PENSE!

Você tem sido convidado somente para festas ou também momentos de oração e ajuda?



PONTO IMPORTANTE!

Uma juventude de fidelidade ao Senhor tem consequências para a vida toda.

III – A SENTENÇA DIVINA

1. A conduta de Daniel. Ao ser introduzido diante do rei, é importante perceber que Daniel é chamado pelo seu nome hebreu (5.13) e não pelo apelido babilônico. Afinal, os anos haviam se passado, mas o servo de Deus não havia perdido a sua identidade, inclusive para os outros. Nessa ocasião, novamente aprendemos com a conduta de Daniel. Ele fez questão de deixar claro que o rei poderia ficar com os seus presentes (5.17). Era uma forma de dizer que a sua presença ali e a sua interpretação do sonho não se devia a qualquer benefício material que pudesse receber. Em dias em que falsos profetas vivem de benefícios e profetizam de acordo com a conveniência daquilo que podem lucrar, fazendo negócio da obra de Deus, a ação de Daniel é um importante lembrete de como o servo do Senhor deve proceder. Além disso, mesmo diante do rei e podendo ser morto, o profeta não suaviza a sua mensagem. Ele exorta Belsazar sobre a sua prepotência e pelo pecado que cometeu (5.22,23). Era o mesmo Daniel que havia advertido Nabucodonosor.

2. O significado da escrita. Daniel faz saber o teor da escrita na parede e a sua interpretação: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. A primeira palavra estava

repetida — MENE, MENE — e significava “contar ou contado”. A palavra TEQUEL tinha o sentido de “pesado”. A última palavra, PARSIM, significava “dividido” (Dn 5,25). Para interpretar a mensagem, Daniel usou o termo “PERES”, palavra com o mesmo sentido de PARSIM. A mensagem, portanto, era um veredicto claro: o juízo de Deus havia chegado sobre o rei e sobre o Império Babilônico!

3. O juízo concretizado. O juízo divino se abateu rapidamente. Naquela mesma noite a palavra se cumpriu e o rei foi morto pelos caldeus (5,30). Dario entrou e tomou a cidade da Babilônia. A festa se converteu em pranto. O prazer momentâneo deu lugar ao sofrimento. Belsazar morreu sem se arrepender de seus pecados. Os medos e os persas passariam a reinar no lugar do império da Babilônia. Deus, mais uma vez, demonstrou a sua soberania sobre os reis da Terra e a consequência destruidora do prazer carnal.

Ao reconhecermos as armadilhas do hedonismo e da busca desenfreada por prazer, podemos escolher um caminho de equilíbrio, autocontrole e busca de valores espirituais. Em Gálatas 5:22-23, Paulo destaca o fruto do Espírito, que inclui o autocontrole, e a importância de viver de acordo com esses princípios para evitar a destruição espiritual.



PENSE!

Tudo o que o homem planta, ele colhe.



PONTO IMPORTANTE!

Ao reconhecermos as armadilhas do hedonismo e da busca desenfreada por prazer, podemos escolher um caminho de equilíbrio, autocontrole e busca de valores espirituais.



CONCLUSÃO

Em resumo, a história de Belsazar em Daniel 5 serve como um lembrete de que o hedonismo desenfreado e a indiferença espiritual podem levar a consequências destrutivas. O deleite e a satisfação do cristão não estão nas coisas materiais e deste mundo, mas em Deus. Em Cristo, temos vida abundante (Jo 10.10).



HORA DA REVISÃO

1. Quem era o pai de Belsazar?

2. O que é o hedonismo?

3. O que os hedonistas defendem?

4. Qual o sentido da mensagem escrita na parede?

5. Quem entrou e tomou a cidade da Babilônia?



ENTRE A LEI DE DEUS E A LEI DOS HOMENS

TEXTO PRINCIPAL

"Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa (ora havia no seu quarto janelas abertas da banda de Jerusalém), e três vezes no dia se punha de joelhos, e orava [...]." (Dn 6.10)

RESUMO DA LIÇÃO

Antes de ser leal ao governo e à lei dos homens, o crente é fiel a Deus e à sua Lei.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – Êx 20.3-17

A essência da Lei de Deus

TERÇA – Rm 7.12

As qualidades da Lei de Deus

QUARTA – Rm 2.15

A Lei gravada no coração

QUINTA – Fp 4.6

Buscando Deus em oração

SEXTA – Ts 5.17

Orando sempre

SÁBADO – At 5.29

Importa obedecer a Lei de Deus



TEXTO BÍBLICO

Daniel 6.1-7

- 1 E pareceu bem a Dario constituir sobre o reino a cento e vinte presidentes, que estivessem sobre todo o reino.
- 2 E sobre eles três príncipes, dos quais Daniel era um, aos quais esses presidentes dessem conta, para que o rei não sofresse dano.
- 3 Então, o mesmo Daniel se distinguiu desses príncipes e presidentes, porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava constituí-lo sobre todo o reino.
- 4 Então, os príncipes e os presidentes procuravam achar ocasião contra Daniel a respeito do reino; mas não podiam achar ocasião ou culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum vício nem culpa.
- 5 Então, estes homens disseram: Nunca acharemos ocasião alguma contra este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus.
- 6 Então, estes príncipes e presidentes foram juntos ao rei e disseram-lhe assim: Ó rei Dario, vive eternamente!
- 7 Todos os príncipes do reino, os prefeitos e presidentes, capitães e governadores tomaram conselho, a fim de estabelecerem um edito real e fazerem firme este mandamento: que qualquer que, por espaço de trinta dias, fizer uma petição a qualquer deus ou a qualquer homem e não a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões.

INTRODUÇÃO

O capítulo 6 do Livro de Daniel nos introduz a uma nova era política e governamental. Com a queda do poderoso Império Babilônico, a cidade de Babilônia agora passa a ser controlada pelos Medo-persas, também conhecidos como o Império Aquemênida. Esta mudança de regime trouxe consigo maior liberdade e tolerância religiosa. No entanto, mesmo sob um novo regime, o profeta Daniel se depara com a maior provação de sua vida. Ele é confrontado com a pressão de abandonar sua devoção inabalável ao Deus Altíssimo. Nesta lição, estudaremos este relevante episódio, que nos trará valiosos ensinamentos sobre a fidelidade a Deus diante do governo dos homens e de suas leis, revigorando a importância da oração na vida do crente.

I – VIVENDO SOB UM NOVO GOVERNO

1. A identidade do novo rei. O capítulo 6 começa com a descrição de

um novo rei, que é chamado de "Dario, o medo" (Dn 5:31). A identidade deste governante, mencionado outras vezes no livro (Dn 11:1), é uma questão debatida entre estudiosos, diante do fato de "Ciro, o persa" ter sido o conquistador da Babilônia (Is 44:28; 45:1). A Bíblia menciona que Daniel também serviu sob o seu comando (Dn 1:21; 10:1). Uma corrente diz que se tratava da mesma pessoa. O entendimento majoritário, no entanto, compreende que Dario, após a sua conquista, teria constituido Dario temporariamente como governante subordinado a ele. Segundo John Lennox, essa ideia é apoiada linguisticamente, pelo fato de Daniel dizer que Dario foi "constituído rei" (Dn 9:1) e que "ocupou o reino" (Dn 5:31). Segundo a obra *Contra a Correnteza*, os relatos bíblicos também nunca se referem a Dario como rei da Média-Pérsia, mas apenas como governante da Babilônia.

2. O novo governo. O novo governante ficou conhecido por sua capacidade

de manter a estabilidade política em seu império. Também estabeleceu uma série de reformas administrativas que ajudaram a estruturar o governo e a economia. O rei organizou o império em satrapias, que eram províncias administrativas com governadores nomeados por ele, os quais detinham autoridade sobre os assuntos civis e militares de sua região. Acima deles, foram nomeados três presidentes, também chamados príncipes, incluindo Daniel (6.1-3). Eles tinham a responsabilidade de supervisionar a administração do império e garantir que as províncias fossem governadas de acordo com as leis e diretrizes do rei. Eles eram responsáveis por relatar qualquer irregularidade ou comportamento inadequado dos sátrapas.

3. Uma política de tolerância religiosa. Ciro, o imperador, tinha uma política de maior tolerância com os povos conquistados. Promulgou um código de leis conhecido como o "Cilindro de Ciro", que promovia a justiça e a liberdade religiosa, permitindo que vários grupos étnicos praticassem suas crenças. O chamado Édito de Ciro, também denominado como o "Decreto de Ciro", possibilitou que os judeus deportados pelos babilônios retornassem para Jerusalém e reconstruissem o Templo (cf. Ed 1.1-3).

Mesmo diante desse ambiente de maior liberdade e tolerância, Daniel foi perseguido por suas convicções. Isso mostra que, embora em muitos países os crentes tenham ampla proteção jurídica de expressão de suas crenças, com previsão na Declaração Internacional de Direitos Humanos, não estão isentos de serem constrangidos e forçados a relegar a fé. A previsão da liberdade religiosa na Constituição e nas leis não garante que os cristãos não serão discriminados

e ofendidos, especialmente por causa de imposições ideológicas.



PENSE!

Se você nunca foi constrangido por causa da sua fé? Será que falta testemunho?



PONTO IMPORTANTE!

Embora em muitos países os crentes tenham ampla proteção jurídica de expressão de suas crenças, com previsão na Declaração Internacional de Direitos Humanos, não estão isentos de serem constrangidos e forçados a relegar a fé.

II – A CONSPIRAÇÃO CONTRA DANIEL

1. A distinção de Daniel. Em razão de sua excelência, Daniel começou a se distinguir dentre os demais presidentes, razão pela qual o rei pensava em promovê-lo. Isso mostra que Daniel, além de fiel e zeloso nas questões religiosas, era também um profissional qualificado e dedicado, fazendo com que se sobressaísse em suas atividades. É necessário lembrar que o trabalho, criado por Deus, é um elemento importante na vida e pode ser uma forma de vocação divina. A Bíblia nos recomenda a fazer tudo conforme as nossas forças (Ec 9.10) e para a glória de Deus (1 Co 10.31).

2. Inveja e conspiração. Assim que o brilho de Daniel começou a ofuscar os demais, a inveja brotou em seus corações. Infelizmente, isso é algo que ocorre com enorme frequência em qualquer ambiente e até mesmo entre o povo de Deus. Em vez de reconhecer a excelência do outro e procurar aprender com ele, os invejosos preferem o caminho da destruição, fazendo uso de fofocas, tramas e acusações caluniosas. Por isso,

dentro dos bastidores do poder do reino, os demais presidentes e governadores arquitetaram um complô diabólico para acabar com a imagem de Daniel perante o rei, procurando ocasião para difamá-lo. Contudo, a Bíblia afirma que eles não encontraram qualquer coisa de que pudesse acusá-lo, "nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa" (6.4). Lembre-se, jovem, de que quando se está na presença de Deus, os inimigos não terão nada para acusá-lo!

3. O plano contra Daniel. Percebendo que não teriam nada contra Daniel, tendo em vista sua conduta ilibada, os líderes mudam a estratégia e resolvem encontrar na "lei do seu Deus" (6.4) algo que pudesse prejudicá-lo. Eles deixam de procurar na conduta e passam a prejudicar Daniel com base em suas convicções. Para tal, os homens perversos propuseram ao rei que fosse proibido em todo o reino, no período de trinta dias, que se fizessem petições ou orações a qualquer divindade ou homem, a não ser ao rei. A punição pela desobediência seria o lançamento na cova dos leões.

A estratégia dos inimigos de Daniel em muito se assemelha aos secularistas anticristãos, procurando centralizar no Estado a figura da divindade. Sem dúvida, buscam de todas as maneiras restringir a manifestação das crenças e punir a convicção dos cristãos. Na legislação e em decisões judiciais, surgem novos entendimentos que procuram amordaçar a voz da igreja, abolindo não somente a liberdade de crença, mas também a liberdade de expressão.

Vivemos uma Era de suposta tolerância. Todavia, enquanto todas as

expressões são válidas e permitidas, o Cristianismo cada vez mais é hostilizado por causa da sua defesa de valores absolutos. É a intolerância dos tolerantes!

III – A LEI DOS HOMENS E A LEI DE DEUS

1. Contrariando a lei dos homens.

Mesmo diante do decreto do rei, novamente Daniel não se acovardou de dar testemunho de sua fé. Ainda que fosse um alto funcionário e ocupasse um lugar de privilégio no império, Daniel não negou sua integridade e fidelidade a Deus. O servo de Deus sempre fora obediente ao rei, porém, ao perceber que a lei humana contrariava a lei divina, ele desobedeceria ao injusto mandamento, fazendo exatamente aquilo que o decreto proibia: buscou ao Senhor em oração (Dn 6.10). Em primeiro lugar, Daniel sabia que Dario tinha autoridade, mas tinha ainda mais convicção de que esta autoridade provinha de Deus (Rm 13.1). Em segundo lugar, como um homem temente e bom cidadão, o profeta era cumpridor das leis dos homens; contudo, ele não as cumpriria quando se chocassem com as leis de Deus (At 5.29). Afinal, mais importante que a lei estabelecida pelo governo humano é a Lei Natural revelada pelo Deus Altíssimo, imutável e atemporal, que não pode ser contrariada. Em terceiro lugar, Daniel sabia que o Senhor estava com ele.

2. O poder da oração. Diante daquele momento de provação, Daniel foi para o seu quarto buscar a Deus em oração. Ele orou persistentemente, pondo-se de joelhos três vezes ao dia. A oração deve ser um hábito na vida de todo aquele que busca intimidade e resposta da parte do Senhor (Fp 4.6;

1 Ts 5.17; Tg 5.16). Também, Daniel orou agradecendo a Deus, pois a verdadeira oração também se expressa por meio da gratidão. Não há vitória espiritual sem oração. Não há crescimento espiritual sem oração. Como disse Martinho Lutero: "A oração é o suor da alma". E quanto a você, jovem, como tem sido a sua vida de oração? Lembre-se de que a primeira oração que Deus não atende é aquela que nunca foi feita!

É interessante notar que os amigos de Daniel, ao serem confrontados com a adoração da estátua (Dn 3), recusaram-se a negar sua fé por meio de uma ação específica. Da mesma forma, Daniel não estava disposto a comprometer sua fé ao se abster da oração. Isso ilustra que resistir aos desafios à nossa fé requer tanto evitar ações que contradizem a Palavra de Deus quanto manter nossas práticas espirituais fundamentais.

3. Deus fecha a boca do leão. Ao ser denunciado, mesmo a contragosto (6.14), o rei Dario mandou que lançassem Daniel na cova dos leões, onde permaneceu durante a noite. Esse tipo de punição, conhecida como execução por leões, era uma prática esporádica que ocorria em algumas culturas antigas, não como uma regra do sistema judicial. O rei estava angustiado e passou a noite em vigília, preocupado com o destino de Daniel. Ao amanhecer, correu até a cova e, para sua surpresa, encontrou Daniel vivo e ileso. Deus havia enviado um anjo para fechar a boca dos leões, protegendo Daniel! Diante da provação e perseguição, o Senhor efetuou um verdadeiro milagre, guardando a vida do seu filho.

A Bíblia também mostra que, no final, a justiça prevaleceu. Os conspiradores foram punidos por suas ações malignas.

✓ CONCLUSÃO

Ao enfrentar a pressão de abandonar sua devoção a Deus, Daniel escolheu permanecer firme em sua fé, continuando a orar diante das adversidades. Em vez de ser leal ao governo, manteve-se fiel a Deus. Sua coragem e confiança em Deus não apenas resultaram em sua proteção miraculosa na cova dos leões, mas também demonstraram um exemplo eterno de como podemos manter nossa integridade espiritual em face dos desafios culturais, políticos e jurídicos de hoje.

✓ HORA DA REVISÃO

1. Quem é o novo rei no capítulo 6 de Daniel?

2. Qual o entendimento majoritário sobre a relação entre Ciro e Dario?

3. O que foi o Édito de Ciro?

4. O que é mais importante do que a lei estabelecida pelo governo humano?

5. Quais exemplos de leis e decisões judiciais, hoje, que confrontam a fé dos cristãos?

OS IMPÉRIOS MUNDIAIS E A SUPREMACIA DO FILHO DO HOMEM

TEXTO PRINCIPAL

"Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem[...]."
(Dn 7.13)

RESUMO DA LIÇÃO

Os reinos deste mundo vêm e vão, mas a soberania de Deus é para sempre.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – Hb 1.3

Jesus é rei eternamente

TERÇA – Dn 2.44

*O reino do Messias será
único e eterno*

QUARTA – Ap 20.4

O reino milenial de Cristo

QUINTA – Dn 7.14

O reino do Messias é invencível

SEXTA – Mt 6.33

A realidade do Reino de Deus

SÁBADO – Fp 2.10,11

Todo joelho se dobrará



TEXTO BÍBLICO

Daniel 7:3-8,13,14

- 3 E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar.
- 4 O primeiro era como leão e tinha asas de águia; eu olhei até que lhe foram arrancadas as asas, e foi levantado da terra e posto em pé como um homem; e foi-lhe dado um coração de homem.
- 5 Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou de um lado, tendo na boca três costelas entre os seus dentes; e foi-lhe dito assim: Levanta-te, devora muita carne.
- 6 Depois disto, eu continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha quatro asas de ave nas suas costas; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio.
- 7 Depois disso, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível e espantoso e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez pontas.
- 8 Estando eu considerando as pontas, eis que entre elas subiu outra ponta pequena, diante da qual três das pontas primeiras foram arrancadas; e eis que nesta ponta havia olhos, como olhos de homem, e uma boca que falava grandiosamente.
- 13 Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele.
- 14 E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, o único que não será destruído.

INTRODUÇÃO

Na lição de hoje estudaremos o capítulo 7 do livro de Daniel, que contém a descrição de uma visão profética que ocorreu durante o primeiro ano de reinado de Belsazar. Essa visão precede os eventos narrados nos capítulos anteriores do livro, e possui um paralelo com o sonho de Nabucodonosor, narrado no capítulo 2, mas com uma riqueza de detalhes que aprofunda nossa compreensão sobre o desenrolar da história mundial e a suprema soberania divina que permeia todos os eventos. A lição nos lembra de que Deus está no controle de todas as coisas.

I – A VISÃO DOS QUATRO ANIMAIS

1. A ocasião da visão. O capítulo 7 de Daniel descreve uma visão que o profeta

teve durante o reinado de Belsazar. Vale lembrar que a partir desta seção, o livro não está redigido de forma cronológica, por isso não é uma sequência do capítulo anterior. Daniel data a visão no primeiro ano do reinado de Belsazar. Logo, ela ocorreu pelo menos dez anos antes do banquete mencionado no capítulo 5, sobre o qual estudamos na lição 8.

Na visão de Daniel, ele observa os "quatro ventos do céu" agitando o "grande mar" (7:2). Essa imagem simbólica sugere que eventos poderosos e influentes, representados pelos ventos, estão prestes a desencadear mudanças significativas e turbulentas na história da humanidade, simbolizada pelo mar. Na Bíblia, a agitação do mar representa a inquietude das nações da Terra (Is 17:12; Ap 17:15).

2. Os quatro grandes animais. Daniel continua descrevendo sua visão, na qual quatro grandes animais surgem do mar: o "leão com asas de águia" (v.4); o urso (v.5); o leopardo com quatro asas (v.6) e o quarto animal, terrível e espantoso (v.7). A notável característica desses animais é que cada um deles é "diferente do outro", o que indica que eles representam reinos ou impérios distintos, cada um com suas próprias características, poderes e importância na história. A simbologia animalesca indica a natureza selvagem dos impérios, que batalham em busca de domínio e poder. Esses quatro animais representam os reis da terra (v.17): o rei da Babilônia, o rei Medo-Persa, o rei da Grécia e o rei de Roma. Portanto, profetizando no período do Império Babilônico, Daniel anteviu a sua queda e os governos seguintes.

3. O espanto de Daniel. A visão era tão impressionante que deixou Daniel perplexo (v.15). Apesar de ser um homem sábio e experiente, aquela revelação era profunda e impactante para ele. Não importa o quanto tenhamos caminhado na vida cristã, Deus sempre nos surpreende. As implicações sombrias para as pessoas da terra e para o seu próprio povo eram mais do que Daniel podia absorver calmamente. Contudo, o anjo de Deus estava lá para dar entendimento a Daniel, explicando o sentido do sonho (vv.16,17).



PENSE!

Você já foi surpreendido por Deus e ficou espantado?



PONTO IMPORTANTE!

O livro de Daniel não está redigido de forma cronológica, por isso o capítulo 7 não é uma sequência histórica do capítulo anterior.

II – A INTERPRETAÇÃO DO SONHO

1. Os reinos deste mundo. O sonho de Daniel guarda relação direta com a estátua do sonho de Nabucodonosor no capítulo 2. O sonho e a visão retratam as mesmas realidades históricas, sob perspectivas diferentes.

a) Império Babilônico: O leão, animal feroz e régio, corresponde à cabeça de ouro (2.38) e, em Jeremias 4.7 e 50.17, Nabucodonosor é comparado a um leão. A menção de que lhe foi dado um coração de homem (7.4), alude à sua restauração, após ter vivido entre os animais (Dn 4).

b) Império Medo-Persa: O urso que levantou de um lado é retratado como o peito e braços de prata da estátua, correspondendo ao Império Medo-Persa. A este animal as pessoas diziam: "Levanta-te, devora muita carne" (v.5). Na simbologia profética, segundo os pastores Antonio Gilberto e Severino Pedro, as três costelas entre os dentes seriam potências conquistadas pelo império (Babilônia, Lídia e Egito).

c) Império Grego: O leopardo com asas correlaciona-se com o ventre e quadris de bronze. As características deste animal representam adequadamente o Império Grego liderado por Alexandre, o Grande, que conquistou uma nação após a outra com extrema velocidade. Com a sua morte, o império se dividiu em quatro partes, distribuídas entre os seus generais: Seleuco, Ptolomeu, Lisimaco e Cassandro.

d) Império Romano: O quarto animal despertou a curiosidade de Daniel de maneira singular (v.19). Ele lembra a parte inferior da estátua, com pernas de ferro e os pés e dedos de ferro e barro. O profeta antecipou o período em que o Império Romano emergiu como uma superpotência. A descrição

do verso 7 diz que o Urso fazia seus inimigos em pedaços. A primeira coisa que fazia o Império Romano após conquistar uma nação, era dividir suas terras em regiões, tetrarquias, províncias e distritos. Roma se destacou como o império mais impactante na história da humanidade. Enquanto era formidável, representado pelo ferro em sua força e eficácia administrativa, também se mostrava frágil, como o barro, devido à imensa corrupção que, em última instância, contribuiu para o declínio de um império cujo nome se tornou sinônimo de grandiosidade e decadência.

2. O Anticristo. As dez pontas (algumas traduções usam a expressão "chifres") que saíam da cabeça do quarto animal prefiguravam dez reis advindos do antigo Império Romano (v.20). Mas outro rei, representado pela pequena ponta, se levantará após os dez reis e abaterá os três primeiros, arrancando-os tal como descreve a visão. Essa descrição encontra ressonância em Apocalipse 17.12-14. Os fatos proféticos do versículo 8 são ainda futuros, como bem mostra o livro de Apocalipse. Na escatologia pentecostal, a interpretação é que a pequena ponta representa o Anticristo, que surgirá no final dos tempos e fará guerra aos santos (7.21). Esse é o homem do pecado, o filho da perdição (2 Ts 2.3,4). O Anticristo será a mais completa personificação de Satanás e o seu mais autêntico representante (2 Ts 2.9), porém, se apresentará como se fosse Deus. Será "o iníquo" (2 Ts 2.8), e a sua influência será "mundial", pois governará sobre todas as nações (Ap 13.8; Dn 8.24; Ap 17.12).



PENSE!

Não importa o poder dos reinos deste mundo, Deus é soberano.



PONTO IMPORTANTE!

Na escatologia pentecostal, a interpretação é que a pequena ponta representa o Anticristo, que surgirá no final dos tempos e fará guerra aos santos (7.21).

III – O REINO DE DEUS E O SEU JULGAMENTO

1. O juízo divino. A visão de Daniel mostra que o poder dos animais não é para sempre. O versículo nove nos diz: "foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça, como a limpa lã; o seu trono, chamas de fogo, e as rodas dele, fogo ardente" (v.9). O trono é símbolo de poder, governo e julgamento. A profecia nos revela que o juiz supremo neste julgamento é o "ancião de dias", que é uma representação de Deus, com cabelos brancos e vestes brancas. O tribunal divino, apresentado no sétimo capítulo de Daniel, revela que Deus julgará "a pequena ponta" e proferirá o veredito final contra o quarto animal, que representa Roma (vv. 11, 12). Este é o ponto culminante da visão de Daniel, onde o Altíssimo avalia e julga as más ações, a crueldade e a maldade das nações deste mundo!

2. A vinda do "Filho do Homem" (vv.13,14). No sonho do capítulo 2, a estátua colossal foi destruída por uma pedra que depois encheu toda a terra. Agora, no capítulo 7, o animal será destruído e "um como filho do homem" assume o Reino para sempre (v.13,14). A pedra que esmaga a estátua e cresce para encher a terra é comparável à ascensão de Jesus Cristo como o Messias e a promessa de que seu reino se estabelecerá para sempre. Isso significa que os poderes ter-

renos e humanos são temporários, mas o Reino de Deus é eterno e preencherá todo o espaço. A mensagem central é a supremacia e o domínio duradouro de Deus sobre todas as coisas. Isso renova as nossas esperanças e fé no poder do Senhor Deus.

3. A Grande Tribulação. Os versos 24 e 25 apresentam um período específico dos últimos tempos, no qual o Anticristo perseguirá o povo de Deus. Ele vai falar contra Deus e perseguir os seguidores de Deus, representados como "os santos", mártires e crentes advindos da Grande Tribulação. Além disso, ele tentará mudar leis e regulamentos, possivelmente tentando suprimir a religião e os princípios morais. Por "um tempo, e tempos, e metade de um tempo", o "Anticristo" terá autoridade no mundo. Esse período equivale a "três anos e meio", ou "quarenta e dois meses" ou "mil e duzentos e sessenta dias" (Dn 12.7; 9.27; Ap 12.14; 7.14). Ele compreende a metade dos sete anos finais prescritos como a Grande Tribulação e o fim do "tempo dos gentios". Nos primeiros "três anos e meio" o Anticristo fará acordo com Israel, mas não o cumprirá (Dn 9.27). Este é o período de grande poder e influência política desse líder mundial sobre o mundo e os judeus. Mas o Messias o dominará e quebrará o seu reino de mentira. O Anticristo será condenado e a plenitude do Reino de Deus será estabelecida para sempre!



PENSE!

Você anela e aguarda a volta de Cristo?



PONTO IMPORTANTE!

A visão de Daniel mostra que o poder dos animais não é para sempre.



CONCLUSÃO

Como vimos no capítulo 7, Daniel recebeu visões a respeito dos quatro grandes impérios e do estabelecimento do reino eterno de Deus. Essas visões revelam a promessa de que, apesar dos impérios e das forças poderosas que governam o mundo, o Senhor Deus continua no controle e, ao final, estabelecerá seu reino eterno de justiça e paz. Isso nos desafia a manter nossa fé firme, mesmo em meio às incertezas e turbulências do mundo, pois Deus tem um plano soberano que se cumprirá.



HORA DA REVISÃO

1. Quando Daniel teve a visão dos quatro animais?

2. Quais eram os animais da visão?

3. O urso simboliza qual império mundial?

4. Na escatologia pentecostal, qual a interpretação sobre a "pequena ponta"?

5. A que período equivale a expressão "um tempo, e tempos, e metade de um tempo"?



REVELAÇÕES SOBRE O TEMPO DO FIM

TEXTO PRINCIPAL

"E aconteceu que, havendo eu, Daniel, visto a visão, busquei entendê-la e eis que se me apresentou diante uma como semelhança de homem."
(Dn 8.15)

RESUMO DA LIÇÃO

O conhecimento das coisas futuras nos dá esperança e a certeza de que Deus está no controle de todas as coisas.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – 2 Ts 2.3-4
O homem da iniquidade

TERÇA – Ap 13.1-10
Os atos da Besta

QUARTA – 1 Jo 2.18
Anticristos no mundo

QUINTA – 2 Pe 3.13-14
Esperança futura

SEXTA – Rm 12.21
Vencendo o mal com o bem

SÁBADO – 1 Ts 4.16-17
Esperança futura



TEXTO BÍBLICO

Daniel 8.1-6

- 1 No ano terceiro do reinado do rei Belsazar, apareceu-me uma visão, a mim, Daniel, depois daquela que me apareceu no princípio.
- 2 E vi na visão (acontecendo, quando vi, que eu estava na cidadela de Susã, na província de Elão), vi, pois, na visão, que eu estava junto ao rio Ulai.
- 3 E levantei os meus olhos e vi, e eis que um carneiro estava diante do rio, o qual tinha duas pontas; e as duas pontas eram altas, mas uma era mais alta do que a outra; e a mais alta subiu por último.
- 4 Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte, e para o meio-dia; e nenhuns animais podiam estar diante dele, nem havia quem pudesse livrar-se da sua mão; e ele fazia conforme a sua vontade e se engrandecia.
- 5 E, estando eu considerando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; e aquele bode tinha uma ponta notável entre os olhos.
- 6 Dirigiu-se ao carneiro que tinha as duas pontas, ao qual eu tinha visto diante do rio; e correu contra ele com todo o ímpeto da sua força.

INTRODUÇÃO

Nesta lição, estudaremos o capítulo 8 do livro de Daniel. Esta visão, narrada por Daniel, descreve um conflito entre um carneiro e um bode, numa alusão aos impérios Medo-Persa e Grego. Ao mesmo tempo, a passagem descreve uma revelação sobre Antioco Epifânio e a sua representação do Anticristo, nos tempos do fim.

1 – A VISÃO DE UM CARNEIRO E UM BODE

1. Características da visão. A visão do capítulo 8 ocorre no terceiro ano do reinado de Belsazar, por volta de 550/549 a.C. Não se tratava de uma visão pelos olhos físicos e nem imaginação da mente humana, mas uma revelação celestial concedida pelo Senhor ao seu servo. Em seu vislumbre profético, Daniel se vê na cidadela de Susã, na província de Elão, localizada a cerca de 300 quilômetros a leste da Babilônia. A expressão “cidadela” alude a um local específico, referindo-se a uma fortaleza situada em lugar estratégico, que domina e protege uma cidade. Segundo historiadores, Susã

servia como residência de inverno dos reis persas.

É importante perceber que grande parte da visão é explicada pelo anjo Gabriel, a quem Deus enviou com o propósito de dar a interpretação a Daniel.

2. O carneiro. O primeiro animal da visão do profeta é um carneiro que possuía duas pontas (chifres), simbolizando o Império Medo-Persa (v.20). Os dois chifres compridos do animal, sendo um maior que o outro, representam a história destes dois impérios que se unem após a conquista da Média por volta de 550 a.C., dando origem ao Império Aquemênida. O chifre mais alto (v. 3) aponta para a Pérsia, que apesar de ser posterior ao reino Medo, tornou-se proeminente.

3. Ciro, o Grande. Este foi o líder persa responsável por essa unificação e, posteriormente, pela tomada da Babilônia. Trata-se do mesmo Ciro mencionado pelo profeta Isaías (Is 44:28; 45:1) que Deus levantou para colocar fim ao período de exílio dos judeus na Babilônia (Ed 1:1). Isso porque Deus é soberano e usa quem Ele quer para cumprir os seus designios sobre o seu povo e sobre o mundo.

De acordo com o relato de Daniel (vv. 4, 5), Ciro era um conquistador implacável, sendo invencível em suas campanhas militares, o que o tornou um líder poderoso. Filho do rei persa, Cambises, Ciro conseguiu conquistar os territórios da Mesopotâmia, de toda a Ásia Menor (atual Turquia) e de territórios a leste da Pérsia (parte ocidental da Índia). Também é conhecido por sua atitude respeitosa em relação aos inimigos derrotados, tratando os povos conquistados com tolerância.

II – O BODE E O PEQUENO CHIFRE

1. O bode. O bode peludo que surge na visão de Daniel e derrota o carneiro é o rei da Grécia (v.21). Na história, ele é identificado como "Alexandre, o Grande" (356-323 a.C.), rei da Macedônia. Amplamente reconhecido como um dos maiores líderes militares da história, graças às suas conquistas expansivas pelo mundo conhecido na época. Educado pelo filósofo Aristóteles, também difundiu a cultura grega por meio de uma política chamada "helenização". O fato do animal surgir "sem tocar no chão" (v.5) mostra a velocidade da sua expansão. Em doze anos de reinado, Alexandre tinha um vasto império que se estendia da Grécia até à Índia.

2. Os quatro chifres. Alexandre morreu com apenas 33 anos de idade sem sucessor familiar, cumprindo-se a profecia de que o seu reino seria quebrado e repartido, mas não para a sua posteridade (cf. Dn 11.8). Os quatro chifres que surgem referem-se à divisão do reino depois da sua morte (v.22), que desencadeou uma série de lutas entre os seus generais: Cassandro, Lisimaco, Ptolomeu e Seleuco. O império foi então dividido em quatro partes, cada uma governada por um dos generais. Cassandro reinou na Macedônia; Lisimaco reinou na Trácia e

Ásia Menor; Ptolomeu reinou no Egito e Seleuco reinou sobre a Síria e o restante do Oriente Médio. Este último reino incluía a Judeia naquela ocasião e será ele o palco da sequência da profecia.

3. O pequeno chifre. Enquanto Daniel observava, viu surgir de um dos quatro chifres um pequeno chifre, que cresceu rapidamente e se lançou contra o exército do céu (v.10), profanando o santuário. Historicamente, esse pequeno chifre simboliza Antioco IV (215 - 162 a.C.), pertencente à dinastia selêucida. Embora não fosse herdeiro direto do trono, Antioco assumiu o poder após o assassinato de Seleuco IV Filopátor, em meio a intrigas e disputas. Ao assumir o trono sirio, mudou o título para Antioco Epifânio, isto é, "Deus manifestado", reinando de 175 a 164 a.C. Dotado de um temperamento cruel e sanguinário, esse homem cometeu diversas atrocidades contra o povo judeu, buscando o seu extermínio. Em uma de suas campanhas militares, invadiu Jerusalém e profanou o Templo, conforme a visão de Daniel (vv.10,11). Posteriormente, proibiu as práticas religiosas judaicas. Isto deu lugar à Revolta dos Macabeus, liderada por Judas Macabeu.

III – O TEMPO DO FIM

1. Um protótipo do Anticristo. Em razão de suas características e descrições bíblicas, Antioco é tido por muitos intérpretes das Escrituras como um tipo de Anticristo, um líder no fim dos tempos que se levantará contra o povo de Deus e fará coisas semelhantes (vv.23-24). Conforme o ensino do saudoso Pr. Antônio Gilberto, Antioco seria o cumprimento parcial desta visão; o Anticristo, o cumprimento cabal. Suas características são as de um ditador mundial. Será o último grande governo mundial da história, identificado em Apocalipse como a besta que surge do mar (Ap 13.1) — é

uma personagem que terá controle sobre dez reinos. Ela representa o Anticristo e o seu governo (Ap 17.13). Contudo, assim como Antíoco, o Anticristo também será derrotado, mas não por algum rei humano, mas pelo próprio Cristo (v.25). O verso 25 retrata o Armagedom apocalíptico, quando o poder gentílico mundial sob o Anticristo será sobrenaturalmente destruído por Cristo na sua vinda.

2. Uma visão atormentadora. A visão foi tão terrível que Daniel ficou fragilizado, espantado (v.27) e adoeceu. Afinal, ele viu coisas angustiantes que se abateriam sobre o mundo e principalmente sobre o seu próprio povo. Por mais espirituais que possamos ser, existem momentos em que a fraqueza nos abate. Contudo, diz a Bíblia que ele se levantou e voltou aos seus afazeres perante o rei. Mesmo sabendo que o rei seria destronado, Daniel não deixou de trabalhar e servir. Isso mostra que o conhecimento do porvir e a escatologia não podem nos levar à uma fuga da realidade e das nossas responsabilidades terrenas.

3. Humildade e confiança diante do futuro. Ao final, Daniel declara que ninguém podia entender aquela visão; estava além da compreensão humana. O profeta foi humilde em reconhecer que nem mesmo ele tinha todas as respostas. Atitude muito diferente daqueles em nossos dias que parecem saber tudo sobre os eventos escatológicos, inclusive detalhes irrelevantes baseados em especulações. O estudo das últimas coisas exige seriedade e cautela (Dt 29.29; Rm 12.3). Assim como o profeta, precisamos confiar no Senhor. Olhando para o contexto social e político, era praticamente improvável conjecturar os fatos futuros, como por exemplo a ascensão da Grécia.

✓ CONCLUSÃO

Ao estudarmos os últimos eventos mundiais, de acordo com a revelação das Escrituras, somos tomados pela esperança e a certeza de que Deus está no controle de todas as coisas. Enquanto isso, vivendo nesse mundo, mantemos nossa responsabilidade social e afazeres.

✓ HORA DA REVISÃO

1. Qual o sentido da expressão “cidade-la”?

2. Quem o carneiro, na visão de Daniel, simbolizava?

3. Na história, com quem é identificado o bode?

4. Em razão de suas características e descrições bíblicas, Antíoco é tido por muitos intérpretes da Escrituras como sendo quem?

5. O que retrata do verso 25 da passagem em estudo?



ESTUDO, ORAÇÃO E AS SETENTA SEMANAS DE DANIEL

TEXTO PRINCIPAL

"Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade [...]."
(Dn 9.24)

RESUMO DA LIÇÃO

Deus revela os seus planos, mas os fiéis devem buscar entendimento e interceder pelo povo da promessa.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – Jr 25.12-14

Setenta anos profetizados por Jeremias

TERÇA – 2 Pe 1.20,21

Homens que falaram inspirados pelo Espírito

QUARTA – Hb 1.14

Anjos, espíritos ministradores

QUINTA – Ne 2

O início das Setenta Semanas

SEXTA – Lc 21.24

O tempos dos gentios

SÁBADO – 1 Ts 1.10

A igreja preservada



TEXTO BÍBLICO

Daniel 9,1-4,20-24

- 1 No ano primeiro de Dario, filho de Assuero, da nação dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus.
- 2 No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi pelos livros que o número de anos, de que falou o SENHOR ao profeta Jeremias, em que haviam de acabar as desolações de Jerusalém, era de setenta anos.
- 3 E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração, e rogos, e jejum, e pano de saco, e cinza.
- 4 E orei ao SENHOR, meu Deus, e confessei, e disse: Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas o concerto e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos.
- 20 Estando eu ainda falando, e orando, e confessando o meu pecado, e o pecado do meu povo Israel, e lançando a minha

súplica perante a face do SENHOR, meu Deus, pelo monte santo do meu Deus.

- 21 Estando eu, digo, ainda falando na oração, o varão Gabriel, que eu tinha visto na minha visão ao princípio, veio voando rapidamente e tocou-me à hora do sacrifício da tarde.
- 22 E me instruiu, e falou comigo, e disse: Daniel, agora sai para fazer-te entender o sentido.
- 23 No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; toma, pois, bem sentido na palavra e entende a visão.
- 24 Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, e expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos santos.

INTRODUÇÃO

Nesta lição, estudaremos o capítulo 9 do livro de Daniel, ocasião em que o profeta se acha profundamente preocupado com o destino de seu povo e de Jerusalém. Ele busca entender o plano de Deus para a restauração de Israel e o fim do exílio. Com fervor espiritual, orou a Deus buscando respostas, e sua oração sincera é atendida por uma revelação profunda por meio do anjo Gabriel. Esta revelação divina contém a profecia das Setenta Semanas, por meio da qual Deus faz saber sobre um período de tempo decretado para o seu povo e sua cidade santa. Neste episódio, além de aprendermos mais uma vez com a postura piedosa de Daniel, veremos a história redentora que se desdobra na Bíblia, incluindo a vinda do Messias, sua morte e o subsequente destino de Jerusalém.

I – ESTUDO E INTERCESSÃO DE DANIEL

1. Estudando as profecias. O reino dos caldeus havia chegado ao fim com a queda da Babilônia (Dn 5,30-31), e agora Israel encontrava-se sob o domínio do Império Medo-Persa, sob o governo de Dario. Consciente acerca das visões que Deus lhe dera, a mente de Daniel se volta para o seu povo, dedicando-se ao estudo das antigas profecias por meio das Escrituras (v.2). Ele se recordou da referência de Jeremias, profeta que vaticinou sobre o cativeiro babilônico. Ele tinha convicção de que Deus falara com Jeremias e que podia falar com ele também. Tendo estudado os livros, os pergaminhos trazidos de Jerusalém, Daniel teve entendimento acerca do cumprimento da desolação de Jerusalém no período de setenta anos. Esta profecia encontra-se nos capítulos

25 e 29 de Jeremias, referindo-se ao período de provação dos israelitas sob domínio estrangeiro.

2. Persiste em ler. É interessante perceber o zelo de Daniel em ler e estudar o ensino ministrado por outros profetas. O verdadeiro profeta, afinal, jamais despreza o estudo sistematizado das Escrituras. Daniel era um homem de oração e também dos livros, tinha visões, mas nunca abandonou a Palavra escrita de Deus. Eis um dos segredos de como viver na Babilônia, sem que a "Babilônia" viva em você. Isso nos lembra de que a leitura da Bíblia e de livros de bons autores é vital para o entendimento do cristão sobre as questões espirituais. Por isso, Paulo aconselha o jovem Timóteo a persistir na leitura (1 Tm 4.12).

3. Oração e jejum. Ao compreender a mensagem, Daniel buscou o Senhor em oração e súplicas, com jejum (v.3). Ele estava empenhado em uma busca profunda e sincera pela ajuda divina. Ao longo de sua jornada de fidelidade, Daniel sempre se mostrou um homem de oração. Ele orou por livramento; orou para agradecer, e agora orava para interceder. Daniel tinha convicção de que era preciso voltar-se ao Senhor com um coração contrito e arrependido por causa da sua nação. Por isso, ele pôe-se a interceder pelo povo de Judá, de Jerusalém e de todo o Israel. O uso do pano de saco e as cinzas simboliza arrependimento. A oração do profeta foi, sobretudo, uma confissão de reconhecimento de culpa (vv.4-14). Embora íntegro, Daniel não se pôs acima do povo, mas na mesma condição. Ele não apresenta desculpas ou justificativas, antes reconhece a justiça do Senhor e suplica pelo seu perdão (vv.15-19). Com este exemplo bíblico, um verdadeiro modelo de influência que

devemos seguir, somos inspirados em nossos dias a compreender o valor da oração intercessória e do jejum (Ef 6.18; 1 Ts 1.2; 1 Tm 2.1,2; Mt 6.16-18).



PENSE!

Você tem se dedicado à leitura da Bíblia para compreender as profecias?



PONTO IMPORTANTE!

Daniel tinha convicção de que era preciso voltar-se ao Senhor com um coração contrito e arrependido por causa da sua nação.

II – DEUS REVELA O FUTURO DO SEU POVO

1. A resposta da oração. Antes mesmo de terminar a sua intensa oração, o anjo Gabriel aparece repentinamente diante dele (v.21). Este ser angelical, o mesmo registrado no capítulo 8, é mencionado na Bíblia como mensageiro de Deus (Lc 1.19,20, 26). Foi enviado nesta ocasião em resposta à súplica do profeta, para lhe dar entendimento sobre a visão (vv. 22,23). Apesar do espanto, Daniel deve ter experimentado um conforto indescritível ao ouvir a voz do anjo. Seu pedido moveu o céu. Muitas vezes, em nossas vidas, não recebemos uma resposta divina rápida, daí a necessidade da perseverança (Cl 4.2). No caso de Daniel, porém, o Senhor apressou-se em atender ao seu servo, porque era ele "mui amado" (v.23). A verdade maravilhosa é que Deus tem prazer em ouvir a oração dos seus filhos, sobretudo quando se concentram na glória do seu nome!

2. Oração aos anjos? Você deve notar que Daniel dirigiu a sua oração a Deus, e não ao anjo Gabriel. Em lugar algum das Escrituras temos autorização para orar aos seres angelicais. Esse tipo de

prática é chamada de angelolatria, ou seja, idolatria aos anjos. Embora eles sejam seres espirituais com poderes extraordinários superiores aos homens (Sl 8.4,5; 103.20; 2 Pe 2.11), são criaturas limitadas. Não são oniscientes (1 Pe 1.12) e recusam a adoração (Ap 22.8,9); antes, adoram a Deus e a Cristo (Ap 5.11,12). Eles são "espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação" (Hb 1.14). Assim, supostas mensagens angelicais não podem perverter o Evangelho revelado em sua Palavra (Gl 1.8). Por essas mesmas razões, conforme consta em nossa *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* no Brasil, a ideia de que todas as pessoas possuem um anjo da guarda designado para acompanhá-las durante toda a sua vida não tem sustentação bíblica.

3. A revelação das Setenta Semanas e o Messias. A mensagem de explicação do anjo celeste revela um tempo determinado de setenta semanas decretadas por Deus para o seu povo e sua cidade santa (v. 24). Fazendo uma contagem histórica da profecia de Jeremias, Daniel compreendia que o cativeiro estava terminando. Isso viria a se cumprir por intermédio do Decreto de Ciro, não muito tempo depois. Contudo, o anjo dá um entendimento mais profundo e apocalíptico das Setenta Semanas, que se aplica não somente a Israel, mas a todo o mundo. Semelhantemente a Daniel, Deus quer que você amplie o seu entendimento e tenha uma dimensão mais profunda da sua Palavra e da vida espiritual.

As Setenta Semanas simbólicas destacam sobretudo o tempo e a obra do Messias. Ele é descrito como o Ungido e o Príncipe (vv. 25,26). O verso 24 apresenta seis aspectos da sua obra

redentora: acabar com a transgressão, dar fim ao pecado, expiar a iniquidade, trazer a justiça eterna, selar a visão e a profecia, e ungir o lugar santíssimo.

III – ENTENDENDO AS SETENTA SEMANAS

1. Semanas de anos. Na Bíblia, o número setenta possui um sentido profético. Nesta profecia, as Setenta Semanas são semanas de anos, não de dias. A leitura da passagem (vv. 24-27) mostra que as semanas estão divididas em três grupos. Sendo semanas de anos, totalizam 490 anos. Os três grupos são: a) 7 semanas (49 anos), b) de 62 semanas (434 anos), c) uma semana (7 anos).

a) *Sete semanas (49 anos):* O início deu-se com o decreto da reconstrução de Jerusalém (v.25). Os principais estudiosos do assunto concordam que se trata do decreto de Artaxerxes Longimano, baixado em 445 a.C. (cf. Ne 2).

b) *Sessenta e duas semanas (434 anos):* Refere-se ao período do advento do Messias, Jesus de Nazaré (vv.25,26). Neste tempo o Senhor foi morto e mais tarde Jerusalém foi novamente destruída através da liderança do general do exército romano, Tito, em 70 d.C.

c) *Uma semana (7 anos):* Esta semana ainda não aconteceu (v. 27). Compare Daniel 9.27 com Mateus 24.15 e veja como se trata de uma profecia que ainda não se cumpriu. Esta última semana refere-se, então, ao período que implicará o advento do Anticristo e o início do tempo de tribulação para Israel e para o mundo. A Grande Tribulação será o período de maior angústia da história humana (Ap 6.15-17), quando o mundo testemunhará a ira do Senhor (Jr 30.7). Essa etapa da história foi determinada por Deus para

fazer justiça contra a rebelião dos moradores da Terra e preparar a nação de Israel para o encontro com o seu Messias.

2. As duas metades da septuagésima semana. A Septuagésima Semana pode ser dividida em duas metades distintas. A primeira metade será marcada pelo reinado absoluto do Anticristo – “o príncipe”, de acordo com Daniel 9.26b. Ele enganará Israel fazendo uma aliança com o povo judeu (Dn 9.27a), e buscará a adoração como se fora Deus (2 Ts 2.4b), profanando o santuário, o lugar santo para o povo de Israel, como alertou o próprio Senhor Jesus (Mt 24.15). A segunda metade terá início quando Israel se negar a adorá-lo, e então o Anticristo quebrará o acordo de paz – depois de três anos e meio (Dn 9.27b) – e perseguirá o povo judeu. Essa segunda metade é A Grande Tribulação propriamente dita (1 Ts 5.3; Jr 30.7). Ao final do período de sete anos, aparecerá o Libertador de Israel: “E, assim, todo o Israel será salvo (Rm 11.26).

3. O intervalo e a igreja. O estudo das Escrituras demonstra um longo intervalo de tempo que precede a septuagésima semana. A Bíblia identifica este intervalo profético como “o tempo dos gentios” (Lc 21.24). Atualmente, estamos no tempo da graça de Deus e temos de anunciar o ano aceitável do Senhor para o mundo inteiro (Lc 4.18,19).

É importante ressaltar que a profecia de Daniel refere-se a Israel e a Jerusalém. A Igreja de Cristo não passará pela Grande Tribulação (Ap 3.10), pois terá sido arrebatada. Neste período, receberemos nossos galardões consoante ao trabalho que executamos na expansão do Reino de Deus. A promessa de Jesus à sua Igreja é a de preservá-la desse sofrimento (1 Ts 1.10; 5.9; Lc 21.35,36).

✓ CONCLUSÃO

Ao término desta aula, a profecia das Setenta Semanas de Daniel nos leva a reconhecer a importância da dedicação ao estudo e da vigilância constante. Aprofundar nosso entendimento dessas profecias escatológicas requer esforço contínuo e atenção aos detalhes, pois são temas complexos que nos desafiam a ir além da superfície. Que o Senhor nos dê graça e continue guardando a sua igreja.

✓ HORA DA REVISÃO

1. Qual outro profeta, mencionado pela lição, profetizou sobre o cativeiro?

2. O que simbolizava o uso de saco e as cinzas?

3. Qual o nome da prática de orar aos seres angelicais?

4. Quais os grupos de anos que compõem as Setenta Semanas de Daniel?

5. A septuagésima semana pode ser dividida em quantas metades?





O FIM DE TODAS AS COISAS

TEXTO PRINCIPAL

"Os sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente."
(Dn 12.3)

RESUMO DA LIÇÃO

Deus é o Soberano da história e no final de todas as coisas trará juízo aos ímpios e libertará o seu povo fiel.

LEITURA SEMANAL

SEGUNDA – 1 Pe 5.8; Ef 6.12

Levando o mundo espiritual a sério

TERÇA – Jr 30.7

Tempo da angústia de Jacó

QUARTA – 1 Ts 4.16

A ressurreição dos salvos

QUINTA – Ap 16.16

A batalha do Armagedom

SEXTA – 2 Ts 2.8; Ap 19.20

A destruição do Anticristo

SÁBADO – Ap 2.10

Fiel até a morte



TEXTO BÍBLICO

Daniel 12.1-13

- 1 E, naquele tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro.
- 2 E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno.
- 3 Os sábios, pois, resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente.
- 4 E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará.
- 5 E eu, Daniel, olhei, e eis que estavam outros dois, um desta banda, à beira do rio, e o outro da outra banda, à beira do rio.
- 6 E ele disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Que tempo haverá até ao fim das maravilhas?
- 7 E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando

levantou a sua mão direita e a sua mão esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que depois de um tempo, de tempos e metade de um tempo, e quando tiverem acabado de destruir o poder do povo santo, todas essas coisas serão cumpridas.

- 8 Eu, pois, ouvi, mas não entendi; por isso, eu disse: Senhor meu, qual será o fim dessas coisas?
- 9 E ele disse: Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim.
- 10 Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão.
- 11 E, desde o tempo em que o contínuo sacrifício for tirado e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias.
- 12 Bem-aventurado o que espera e chega até mil trezentos e trinta e cinco dias.
- 13 Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás e estarás na tua sorte, no fim dos dias.

INTRODUÇÃO

Os últimos três capítulos do livro (10-12) constituem uma unidade. Esta seção contém a última revelação que Deus concedeu a Daniel dois anos após o retorno dos judeus à terra de Israel, no terceiro ano de Ciro (537 a.C). O profeta já é um ancião de aproximadamente 84 anos. Nessa época, o primeiro grupo de exilados já havia retornado a Jerusalém. Por algum motivo, possivelmente em razão da sua idade avançada e pela sua presença relevante na Babilônia, Daniel não regressou à sua terra natal.

Anteriormente, o profeta havia tido sonhos e visões, agora Deus lhe concede uma revelação mais elevada da sua palavra sobre um grande conflito (10.1), por meio de uma experiência com o Filho de Deus.

I – PREPARANDO-SE PARA RECEBER A MENSAGEM DO CÉU

1. A aflição de Daniel. Como qualquer ser humano, Daniel tinha os seus momentos de aflição e tristeza (10.2). Ninguém é tão forte que não possa se abater. A razão do seu abatimento tinha

a ver possivelmente com a interrupção da reconstrução do Templo e da cidade de Jerusalém naquela ocasião (Ed 1-3; 4.4.5). O povo voltou, mas a restauração plena ainda não havia acontecido. O conhecimento desse fato levou o profeta à angústia da alma, por causa do amor que nutria por sua nação. Em vez de reclamar da situação ou murmurar contra Deus, ele entrou em vigília e jejuou durante três semanas (10.3). Daniel era um profeta de lágrimas!

2. O ser celestial. Em resposta à sua busca, um ser celestial cheio de esplendor se apresenta a Daniel (vv. 5.6). As suas descrições são parecidas com as que o apóstolo João e o profeta Ezequiel tiveram (Ap 1.12-20; Ez 1.26). Para muitos exegetas bíblicos, isto seria uma teofania, a manifestação do próprio Filho de Deus. Diante da imagem imponente, os companheiros de Daniel fogem de medo e ele fica só. Seu corpo se enfraquece, desfalecendo com o rosto em terra. A glória divina é demais para o frágil ser humano suportar. O profeta, no entanto, experimenta a consolação. Recebe o amparo celestial e palavras de encorajamento (vv. 11-12). Quem é amado no céu, quando prostrado e fraco, recebe ajuda do Senhor.

3. A batalha nas regiões celestiais. Daniel é informado de que a mensagem de resposta à sua oração foi resistida pelo príncipe do reino da Pérsia (v. 13). Nossos principais teólogos ensinam que não se trata de um príncipe terreno, mas um anjo maligno que obedece a Satanás. Foi somente após a ajuda do arcanjo Miguel na batalha espiritual que a resposta chegou. A referência a Miguel como "um dos primeiros príncipes" mostra que existe uma or-

ganização e ordem angelical, através de graduações que revelam níveis de autoridade.

Fica evidente que o que acontece na terra tem implicação nas regiões celestiais. Enquanto a visão ateísta e naturalista enxerga somente o plano físico e material, o crente pentecostal, sobretudo, tem a convicção de que existe uma realidade invisível onde as maiores batalhas são travadas. Por isso, devemos levar a sério o mundo espiritual (1 Pe 5.8), sabendo que a nossa luta não é contra a carne e o sangue (Ef 6.12).

II – A REVELAÇÃO DO FUTURO

1. Uma visão do futuro. O objetivo da revelação a Daniel era dar-lhe conhecimento sobre o que haveria de acontecer ao povo de Deus (v. 14). Essa perspectiva do futuro se estende não apenas aos anos imediatamente posteriores, mas até ao fim do mundo. A revelação será detalhada nos capítulos 11 e 12. Enfraquecido pelo que havia visto e ouvido, Daniel é tocado e fortalecido três vezes (vv.16-19). Afinal, o Deus que move nações e reis, demonstra um incrível cuidado com aqueles que são fiéis a Ele. Por fim, Daniel fica sabendo que a guerra não havia acabado (vv. 20,21).

2. O futuro imediato. No capítulo 11, Deus revela eventos que estavam para acontecer no futuro imediato de Israel. Eles se desdobram no período interbíblico, ou seja, entre o Antigo e o Novo Testamentos, e envolve uma sucessão de reis que vai de Ciro até o desmoronamento do reino de Alexandre Magno (o rei valente - v.3). Contemplam profecias sobre a Síria e Egito e suas

guerras envolvendo os judeus (vv. 5-35), incluindo Antioco Epifânio (o homem vil - v.21), torturador de Israel de quem tratamos anteriormente.

A passagem descreve minuciosamente intrigas políticas, alianças e conflitos militares ao longo dos séculos seguintes. Em razão da riqueza dos detalhes proféticos, muitos chegaram a questionar a data do livro de Daniel, como se tivesse sido escrito posteriormente aos fatos históricos. Contudo, a predição de eventos históricos centenas de anos antes da sua ocorrência mostra que a Palavra de Deus não cai por terra.

3. O futuro remoto. Do versículo 36 em diante, temos o futuro remoto de Israel, o "tempo de angústia de Jacó" (Jr 30.7). Conforme John Lennox, este capítulo "também foi escrito para avisar as pessoas no futuro (da perspectiva de Daniel) sobre o perigo de interpretar erroneamente os sinais dos tempos, e pensar que o tempo do fim chegou quando não chegou". Este é um erro muito frequente dentre aqueles que usam a doutrina das últimas coisas como um recurso especulativo e sensacionalista. O fato é que a passagem mostra um quadro profético do futuro Anticristo e sua atuação, especialmente contra o povo escolhido de Deus. Será um grande líder mundial com poder político e bélico (vv. 36-38) que procurará destruir Israel.

III – ARMAGEDOM E AS ÚLTIMAS COISAS

1. A batalha final. O tempo do fim (11.40) aponta para o período da Tribulação, que é a Septuagésima Semana do texto de Daniel 9.27. No final deste período, os exércitos do Anticristo se

reunirão para destruir Israel, no vale do Armagedom (Ap 16.16). Esta batalha, sem precedentes na história, será um enfrentamento bélico-espiritual que se dará na derradeira etapa da Septuagésima Semana de Daniel. Terá como palco as montanhas de Megido. Israel não terá condições de vencer pelas armas humanas.

2. O livramento divino. Daniel deve ter sentido alívio e conforto ao ouvir o restante da profecia no capítulo 12. Após ter uma noção do período sombrio da Grande Tribulação e do tempo de angústia, ele fica sabendo que Deus enviará o arcanjo Miguel para proteger o povo de Israel durante a batalha final. Esta revelação tem o seu paralelo com Apocalipse 12.7-8. Sobre tudo, o grande general é Cristo (Mt 24.15-31). Deus dará livramento ao seu povo quando ele reconhecer que Jesus é o Messias (Ez 37). O Senhor, à frente do exército celestial, em cavalos brancos, vencerá o Anticristo e o Falso Profeta e os lançará no Lago de Fogo (2 Ts 2.8; Ap 19.20) e os exércitos inimigos serão destruídos (Zc 14.12).

3. A ressurreição dos mortos. A declaração do verso 2 do capítulo 12 refere-se à ressurreição dos justos e dos injustos, em consonância com outras passagens das Escrituras (Jo 5.29; At 24.15). De acordo com a nossa *Declaração de Fé*, elas se darão em momentos distintos. Os justos, cujos nomes estão no Livro da Vida, serão ressuscitados por ocasião da volta de Cristo (1 Ts 4.16), para a vida eterna. Essa é uma esperança gloriosa do cristão (1 Co 15.20-24). A ressurreição dos injustos se dará após o Milênio (Ap 20.5), para a eterna condenação.

4. Concluindo a missão profética.

Em suas palavras finais, o mensageiro celestial diz para Daniel cerrar as palavras e selar o livro, até ao fim do tempo (v.4). Para os costumes da época, selar um livro era uma forma de dar credibilidade pública, uma garantia da sua veracidade. Logo, o selo da palavra profética assegurava que a revelação era dada por Deus, para que as gerações seguintes pudessem confiar e entender. Isso explica a declaração de que "muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará" (v. 4). A passagem não se refere ao crescimento da ciência e da tecnologia, mas ao conteúdo expresso da profecia de Daniel. É por causa dela que hoje, ao estudarmos as Escrituras, nosso conhecimento se expande pela graça de Deus.

Após perguntar ao homem vestido de linho sobre o tempo em que aquelas coisas aconteceriam, e de humildemente reconhecer que não havia entendido a resposta enigmática que lhe fora dada (vv. 6-8), o ser celestial diz para Daniel prosseguir. Afinal, tais palavras teriam o seu cumprimento. Deus fará a sua obra no meio dos homens. Podemos não saber ao certo o tempo exato de cada ocorrência futura, mas podemos confiar no Senhor. Por isso, é bem-aventurado aquele que espera, pois descansará!



PENSE!

A ressurreição dos mortos é uma esperança dos cristãos.



PONTO IMPORTANTE!

A Batalha do Armagedom será um enfrentamento bélico-espiritual que se dará na derradeira etapa da septuagésima Semana de Daniel.



CONCLUSÃO

Ao concluirmos e após uma jornada de estudo que nos permitiu explorar o livro de Daniel em sua totalidade, somos enriquecidos com o seu exemplo de vida e devoção. Através desses estudos, aprendemos que, mesmo em um mundo corrompido e tentador, é possível mantermos nossa fidelidade ao Senhor, apesar de nossas limitações. Mantenhamos nossos olhos voltados para o Senhor, com a confiança de que Ele é nosso protetor e que, em breve, suas profecias se cumprirão. Enquanto aguardamos esse cumprimento, continuemos a seguir a mensagem divina, perseverando até o fim, como nos lembra Daniel 12.13.



HORA DA REVISÃO

1. Quem resistiu a entrega da mensagem a Daniel?

2. Segundo nossos principais teólogos, quem é o príncipe do reino da Pérsia?

3. De acordo com a nossa *Declaração de Fé*, como se dará a ressurreição dos mortos?

4. O que será a Batalha do Armagedom?

5. Na época de Daniel, o que significava selar um livro?



QUAL O SEGREDO DO INCRÍVEL ÊXITO DOS HERÓIS DA FÉ?

Qual o segredo da vida de homens como João Bunyan, Martinho Lutero, João Wesley, Carlos Spurgeon, entre tantos outros?

Depois de lermos cuidadosamente as biografias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo, concluímos que nunca se pode atribuir o êxito de qualquer deles unicamente a seus próprios talentos e força de vontade. Certamente um biógrafo que não crê no valor da oração nem conhece o poder do Espírito Santo que opera nos corações, não mencionaria a oração como sendo o verdadeiro mistério da grandeza dos heróis da fé.

Muitos crentes ficam satisfeitos por, apenas, escapar da perdição! Eles ignoram "a plenitude da bênção do evangelho de Cristo" (Rm 15.29). A vida em abundância (Jo 10.10) é muito mais do que ser salvo, como se vê ao ler as biografias referidas.

Que o exemplo dos Heróis da Fé nos incite a procurar as bênçãos sem medida citadas em Malaquias 3:10!

Orlando Boyer



ENCONTRE SEU GRANDE OBJETIVO NESTE MUNDO

Matthew Barnett, filho do pastor Tommy Barnett, descobriu a causa para a qual foi criado quando abandonou seus sonhos de sucesso e começou a ouvir o sonho de Deus para a sua vida. Ele sentiu que Deus o chamava para servir aos pobres e necessitados.

Pessoas entusiasmadas são impulsionadas pela causa especial que Deus plantou dentro delas. O Senhor as direciona para estarem exatamente onde Ele quer que estejam, ou seja, no centro de Sua vontade, expressando sua causa.

Se você tem um sonho, talvez o realize. Mas se ele não for a sua causa? se sentirá iludido, como quem teve uma decepção. Deus criou você para uma grande causa em seu Reino e pode usar todas as experiências da vida, até as mais difíceis, para realizá-la. Peça ao Senhor que revele qual a sua missão no Reino, qual a causa dentro de você.

“Então, disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara.” Mt 9.37 e 38

